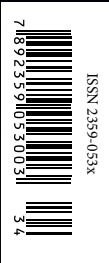


ANO 3 - NÚMERO 34 - AGOSTO 2017

Xapuri

SOCIOAMBIENTAL

R\$ 10



Folclore:

NOSSA DIVERSIDADE SOBREVIVE

p. 08

ARQUEOLOGIA

Arte rupestre no Cerrado: uma pequena reflexão

p. 18

SAGRADO INDÍGENA

A Caça dos Panará: uma atividade múltipla

p. 26

SUSTENTABILIDADE

José da Trino: o Profeta do Princípio Gentileza

p. 28

Ministério da Cultura e Caixa Seguradora apresentam:



conectando
VOCÊ COM A CULTURA

A nossa missão é levar a cultura para quem não tem acesso.
E o nosso projeto faz isso de uma maneira simples.
Apoiamos os produtores culturais por todo o país e distribuimos gratuitamente ingressos e produtos culturais para quem mais precisa.
São shows, espetáculos de teatro, dança, circo, ingressos de cinema e muito mais.

SABEMOS QUE A ARTE TRANSFORMA
O POVO E AOS POUCOS AJUDAMOS
A TRANSFORMAR O BRASIL.

QUER SABER MAIS? ACESSE:

EUFACOCULTURA.COM.BR



PATROCÍNIO

CAIXA
seguradora



APOIO



REALIZAÇÃO

MINISTÉRIO DA
CULTURA



PRONAC: 16 3667 - EU FAÇO CULTURA

“ **Se não houver frutos,
Valeu a beleza das flores;
Se não houver flores,
Valeu a sombra das folhas;
Se não houver folhas,
Valeu a intenção da semente.** ”
Henfil

COLABORADORES/COLABORADORAS AGOSTO

Altair Sales Barbosa – Arqueólogo. **Antenor Pinheiro** – Jornalista. **Bia Kalunga** – líder comunitária da Comunidade Kalunga Riachão, Goiás. **Chico Montenegro** – Advogado. **Eduardo Henrique** – Fotógrafo da Natureza. **Eduardo Pereira** – Produtor Cultural. **Emir Sader** – Sociólogo. **Fátima Safadi Carvalho** – Pedagoga. **Iêda Leal** – Educadora. **Iêda Vilas-Bôas** – Escritora. **Izaete Tavares** – Fotógrafa de vida selvagem. **Jaime Sautchuk** – Jornalista. **Leonardo Boff** – Teólogo. Filósofo. Escritor. **Leonardo Guelman** – Fotógrafo. **Lúcia Resende** – Educadora. **Maria Helena Schuster** – Psicóloga. **Maríel Angeli Lopes** – Economista do DIEESE e assessora da FITRATELP. **Mikael Quites** – Ilustrador. **Trajano Jardim** – Jornalista. **Zezé Weiss** – Jornalista.

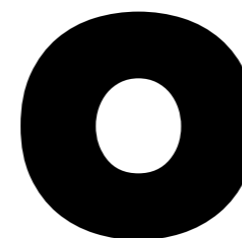
CONSELHO EDITORIAL

- | | |
|-------------------------|------------------------|
| 1. Jaime Sautchuk | 7. Graça Fleury |
| 2. Zezé Weiss | 8. Jacy Afonso |
| 3. Altair Sales Barbosa | 9. Jair Pedro Ferreira |
| 4. Chico Montenegro | 10. Neusimar Coelho |
| 5. Elson Martins | 11. Ieda Vilas-Bôas |
| 6. Emir Sader | 12. Trajano Jardim |



EXPEDIENTE

Xapuri Socioambiental
Telefone: (61) 9 9967 7943. E-mail: contato@xapuri.info. Razão Social: Xapuri Socioambiental Comunicação e Projetos Ltda. CNPJ: 10.417.786\0001-09. Endereço: BR 020 KM 09 – Setor Village – Caixa Postal 59 – CEP: 73.801-970 – Formosa, Goiás. Atendimento: Zezé Weiss (61) 9 9967 7943; Edição: Zezé Weiss, Jaime Sautchuk (61) 98135-6822. Revisão: Lúcia Resende. Produção: Zezé Weiss. Jornalista Responsável: Thais Maria Pires - 386/GO. Menor Aprendiz: Ana Beatriz Fonseca Martins. Mídias Sociais: Eduardo Pereira. Tiragem: 10.000 exemplares. Logística: Iasmin Reis. Circulação: Revista Impressa - Todos os estados da Federação. Revista Web: www.xapuri.info - bilíngue - todo o território nacional, países de línguas portuguesa e inglesa. Distribuição - Revista Impressa: Todos os estados da Federação - Revista Web - Todo o território nacional. ISSN 2359-053x.



povo brasileiro parece estar se acostumando a pirotecnias, ilusionismos e outras artes em largo uso nas esferas do poder. Muitas e muitas pessoas, ainda que insatisfeitas, ao acordarem todos os dias simulam incapacidade de gritar, falar ou mesmo se mover, como que asfixiadas por algum personagem do nosso folclore.

No entanto, essa mesma gente ainda encontra ânimo e alegria nas atividades lúdicas frutos de um convívio social desprendido e sincero, como herança dos antepassados. E assim mantém viva nossa rica diversidade cultural, apesar dos percalços da vida moderna e do bastante descaso oficial.

Nos referimos ao folclore brasileiro, que é o tema de Capa da edição deste mês da revista Xapuri. Os mitos, crenças, ritmos, festas, comidas e danças são partes deste balaio, um acervo de grande valor que por nossa sorte é plural.

Mas, não é só isso.

Ao folhear estas páginas você encontrará, por exemplo, a descrição de como os índios Panará valorizam o costume da caça, com zelo e sabedoria. Ou uma viagem pelos significados dos escritos deixados por aqueles seres humanos que num passado remoto habitaram o território do que é hoje o Centro-Oeste brasileiro.

Angela Davis, lutadora contra o racismo, denuncia assassinatos e aprisionamentos de negros também no Brasil, a exemplo do que ocorre em seu país, os Estados Unidos. E a memória que temos de Anita Garibaldi, eterna heroína.

Na política, o crescimento da direita em algumas partes do mundo aciona o alarme de surgimento de um Trump tupiniquim.

Mas esta edição de Xapuri traz também a receita de uma boa rapadura. E não é só.

Boa Leitura!

Zezé Weiss e Jaime Sautchuk

Editores





Mensagens pra Xapuri

contato@xapuri.info

É um prazer e uma honra escrever nesta revista maravilhosa. A Xapuri é um orgulho para todos os jornalistas brasileiros e principalmente aqueles, que nem nós, que vivemos lutando pelas causas coletivas, sem perder a esperança e o sorriso, jamais!

Laurenice Noleto – Goiânia – Goiás.

Uma revista fantástica! Com temas atuais e de interesse público. Uma revista de muito bom gosto, que valoriza a cultura e o meio ambiente.

Cezar Santos – Mogi-Mirim – São Paulo.

Li excelente texto de Iêda Vilas-Bôas na revista Xapuri de julho/2017. Quarto de Despejo leio e releio sempre, Carolina é exemplo de mulher, parabéns!

Sinvaline Pinheiro – Uruaçu – Goiás.

Soy de Panamá y me alegra saber que ustedes han logrado que yo cuide a la naturaleza, y vea lo hermosa que es. Gracias por el contenido que ustedes ofrecen, sin dudar @revistaxapuri es excelente. Saludos desde Panamá.

Eric Edier Rodriguez – Panamá – Panamá.



08

CAPA

Folclore: nossa diversidade sobrevive

24

GASTRONOMIA

Quem é que não gosta de rapadura?

16

ARQUEOLOGIA

Arte rupestre no Cerrado: uma pequena reflexão

29

VIDA ANIMAL

Atropelamentos: ameaça à fauna brasileira

20

CONSCIÊNCIA NEGRA

Salve, Angela Davis! Saravá! Ora iê, iê, ô!

34

CULTURA

Nomes originais e bonitos das cidades goianas

Xapuri – Palavra herdada do extinto povo indígena Chapurys, que habitou as terras banhadas pelo Rio Acre, na região onde hoje se encontra o município acreano de Xapuri. Significa: "Rio antes", ou o que vem antes, o princípio das coisas.

Boas-Vindas!

19

CAATINGA

Juazeiro, a cara do sertão nordestino

38

ENTREVISTA

Bia de Lima, presidenta do Sintego

26

CONJUNTURA

Seria possível um Trump tropical?

40

MITOS E LENDAS

A lenda das feras do Bocão: dois mitos Kalunga

30

ECOTURISMO

Libano: país da tolerância e da solidariedade

44

NATUREZA VIVA

Bailam as baleias-jubarte na costa da Bahia

32

UNIVERSO FEMININO

Anita Garibaldi, "heroína dos dois mundos"

46

URBANIDADE

Lá e cá, eis a gestão!

36

SAGRADO INDÍGENA

A caça dos Panará: uma atividade múltipla

48

SUSTENTABILIDADE

José Datrino: o profeta do Princípio Gentileza

50

MEMÓRIA

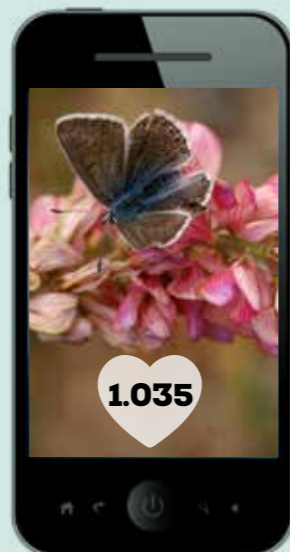
Luiz Melodia

As imagens mais populares da @revistaXapuri

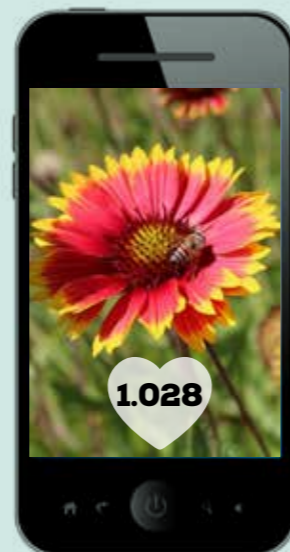
@kairacranha



@salticidaegene



@amaterasubsb



Marque suas melhores fotos do Instagram com a hashtag

#revistaxapuri

Sua foto pode aparecer AQUI!



Folclore:

NOSSA DIVERSIDADE SOBREVIVE

Se você já acordou alguma noite com a consciência intacta, mas sem conseguir falar ou se mover, não tenha dúvidas, foi a Pisadeira que veio lhe paralisar. Magra, alta, rosto tenebroso, com nariz alongado e olhos vermelhos, unhas compridas e pontiagudas, ela desceu do telhado e pisou no seu bucho, pra lhe agoniar. Isso é o que conta a lenda dessa assombração, personagem do folclore brasileiro, que a gente insiste em lembrar.

O momento é mais que apropriado. Agosto é o Mês Internacional do Folclore e, no Brasil, dia 22 é o Dia do Folclore. É motivo de alegria e comemorações nas ruas, praças, salas de espetáculos e – por que não? – nas redes sociais da Internet. Afinal, era nas rodas de conversas que se passava a herança folclórica do povo, a cultura que a grande mídia finge não ver.

O folclore brasileiro é riquíssimo em personagens que fazem companhia à Pisadeira. Alguns são mais conhecidos, com nomes de Mapinguari, Saci-Peregrino, Caipora, Jurupari, Negrinho do Pastoreio, Capelobo, Mula sem cabeça, Baíra, Lobisomem, Curupira, Pedro Malasartes, Macunaíma, Bicho-papão e Boitatá. Mas há muitos outros que ficam meio mocozeados em pequenas comunidades, inclusive entre grupos indígenas e quilombolas.

No entanto, vale lembrar que o folclore não é composto apenas de personagens que encantam ou amedrontam. É o conjunto de lendas, crenças, superstições, mitos, provérbios, dialetos, músicas, canções,

danças, ritmos, festas, encenações, artesanato, artes plásticas, vestimenta, culinária e, enfim, todas as manifestações populares de uma sociedade.

Numa mesma comunidade, há um amplo leque de assuntos que formam a sua cultura. O pesquisador potiguar Luís da Câmara Cascudo, que produziu numerosa obra sobre o tema, escreveu em seu “Dicionário do Folclore Brasileiro”:

“Entre os indígenas brasileiros haverá sempre, ao lado dos segredos dos entes superiores, do-

adores das técnicas do cultivo da terra e das sementes preciosas, o vasto repositório anedotário, fácil e comum.”

A própria palavra “folclore”, cuja origem está no vocabulário anglo-saxão, significa esse conjunto de fatores. Ela foi cunhada pelo pesquisador inglês Willian John Thoms, em 1846, com a junção de duas outras palavras: “folk” (povo) e “lore” (sabedoria). E foi incorporada por praticamente todas as línguas do Planeta, com o mesmo significado.



NOVOS TEMPOS

Até meados do século passado o Brasil era um país mais rural que urbano, com a maior parte de sua população vivendo longe das cidades, em lugares aonde até mesmo as potentes ondas curtas de emissoras de rádio chegavam com dificuldade. O conhecimento era repassado lá mesmo, nos círculos familiares e comunitários, com variações de região pra região, no país inteiro.

As migrações internas, principalmente do Nordeste no sentido Sudeste e Sul, levaram hordas de famílias escorraçadas pelas secas em busca da sobrevivência num país que se industrializava. Depois, a "Marcha para Oeste" promovida pelo presidente Getúlio Vargas, abriu novas fronteiras, que culminaram mais adiante com a construção de Brasília e a definitiva ocupação do Centro-Oeste.

Esses seres em deslocamento levavam, entre as trouxas, sua própria história, suas tradições. Muitas vezes, eram pouco letrados, analfabetos no conhecimento da sociedade envolvente, mas de muita sabedoria inata, que em boa parte se perdia na labuta diária. Buscar o que comer e onde se alojar, no mais das vezes, era mais importante do que cantar, conversar ou festejar.

Mais recentemente, nas últimas décadas, de modo que se acentua a cada dia, a estrutura agrária injusta expulsa da roça o pequeno, dando lugar a uma agricultura extensiva, predatória, batizada de agronegócio. Nela, quem manda é o boi e o trator, desdenhando os seres humanos, a conservação do meio ambiente e a preservação da cultura local.

URBANIZAÇÃO

É certo que boa parte das manifestações culturais nativas, em especial a poesia e a música,

também pegaram o rumo da cidade. Com o advento da radiodifusão brasileira, que ganhou forma na década de 1930, os gêneros regionais chegaram às grandes cidades e, a partir delas, aos mais distantes rincões, do Caburá ao Chuí.

É bem verdade que o gênero do repente ou cantoria nordestina, por exemplo, consegue ao mesmo tempo manter um elenco em plena atividade em seus locais de origem. O pesquisador João Miguel Sautchuk, que por acaso é meu filho, defendeu tese de doutorado sobre o tema e escreveu em seu livro "A Poética do Improvoso":

"Há cantoria em todos os estados do Nordeste e também em locais que receberam grandes contingentes de migrantes nordestinos - como São Paulo, Distrito Federal e estados da Região Norte do país. Porém, ela é mais forte em Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará. Os cantadores mais famosos do Nordeste são daí oriundos."

Pode-se dizer que, por ser uma forma de uso corrente, a musicalidade foi agregada por regiões, por meio do Forró nordestino, do Caipira do Sudeste, do Fandango do Sul e do Carimbó amazônico. A maioria das formações originais de cada gênero musical é de grupos dançantes que foram resumidos aos músicos nos programas de rádio, em que a dança era dispensável.

Estes são os casos, citando apenas dois, dos trios nordestinos e das duplas caipiras, ou sertanejas. Estas últimas surgiram primeiro no interior de São Paulo e parte de Minas Gerais e Goiás, nos seus antigos limites, que englobavam o que é hoje o Triângulo Mineiro.

Em verdade, os gêneros mais difundidos no Brasil tinham fortes raízes no período colonial, com sua influência europeia. As Festas Juninas, por exemplo,

eram praticadas em várias partes da Europa desde a Idade Média. Lá, elas eram realizadas na chegada do verão, época de formar as lavouras, e não tinham caráter religioso.

Em solo tupiniquim, esses festejos mantiveram seu formato de origem, com músicas regionais, dança de quadrilhas (grupos de casais) e fartura de alimentos e bebidas, mas acabaram ganhando religiosidade. Isto porque foram incorporadas a datas dedicadas à veneração de santidades católicas, como São João, Santo Antônio, São Pedro e assim por diante.

Em algumas partes do Nordeste, as festas juninas ganharam outras dimensões, com eventos que atraem gente de outras partes do país e até do exterior, como os de Campina Grande, na Paraíba, e de Caruaru, no Pernambuco, pra citar apenas os mais afamados.

A influência europeia também é marcante nos instrumentos musicais, em especial a viola e a sanfona. A viola foi trazida pelo colonizador português já no Descobrimento, pois era a coqueluche nas festas da Lisboa de então. Aqui, ela foi incorporada às festas de todas as regiões do que veio a ser o Brasil, com pelo menos duas dezenas de afinações diferentes, mas quase sempre com cinco pares de cordas metálicas.

A acordeona ou sanfona, por sua vez, também era usada em Portugal e toda a Europa, e consta que tenha sido introduzida aqui, na colônia, em meados do Século XIX. Coincide com a chegada de grandes levadas de imigrantes italianos, que também usavam essas gaitas, e que se fixaram em grande parte na Região Sul, mas o fato é que este passou a ser o principal instrumento das festas populares gaúchas, embora seja também de largo uso em gêneros nordesti-

nos e de outras regiões.

A sanfona comanda a melodia e o ritmo dos fandangos, designação genérica dos gêneros musicais sulistas, embora seja usada também nas festas do interior de São Paulo, segundo relato de Mário de Andrade, em seu Dicionário Musical Brasileiro. O termo era usado em Portugal, mas foi através do colonizador espanhol que ele chegou à América Latina, pra caracterizar festas com rodas de dança e sapateado, que ele havia herdado dos árabes.

LINGUAGEM

No caso do Sudeste, os grupos de catira ou cateretê surgiram inicialmente na região onde foi implantada uma das formas da Língua Geral, que era uma mistura do Português com o Tupi do indígena, a partir do Século XVII. Era o Dialeto Caipira, que substituiu letras e formas verbais, eliminando sons de difícil pronúncia, como o "lh", que deu lugar ao "i", por exemplo. Assim, o verbo molhar virou "moιά", o substantivo colher virou "cuié" e assim por

diante.

Este gênero musical ganhou muita força também no cinema, desde antes do surgimento da televisão como principal meio de comunicação social em território canarinho. O destaque maior nessa empreitada, sem dúvida, foi Amácio Mazzaropi, que participou de um poderoso centro de produção cinematográfica em Taubaté, cidade onde passou parte de sua infância, no vale do rio Paraíba do Sul, interior leste de São Paulo.

Seu avô materno, João José Ferreira, imigrante português, era tocador de viola, compositor e dançarino de bailados regionais. Por sua influência, Amácio trabalhou por muitos anos com teatro, escrevendo e atuando em peças, mas depois passou ao cinema, produzindo 33 filmes de longa-metragem, sempre sobre a temática caipira, em que usava o linguajar e o anedotário característicos.

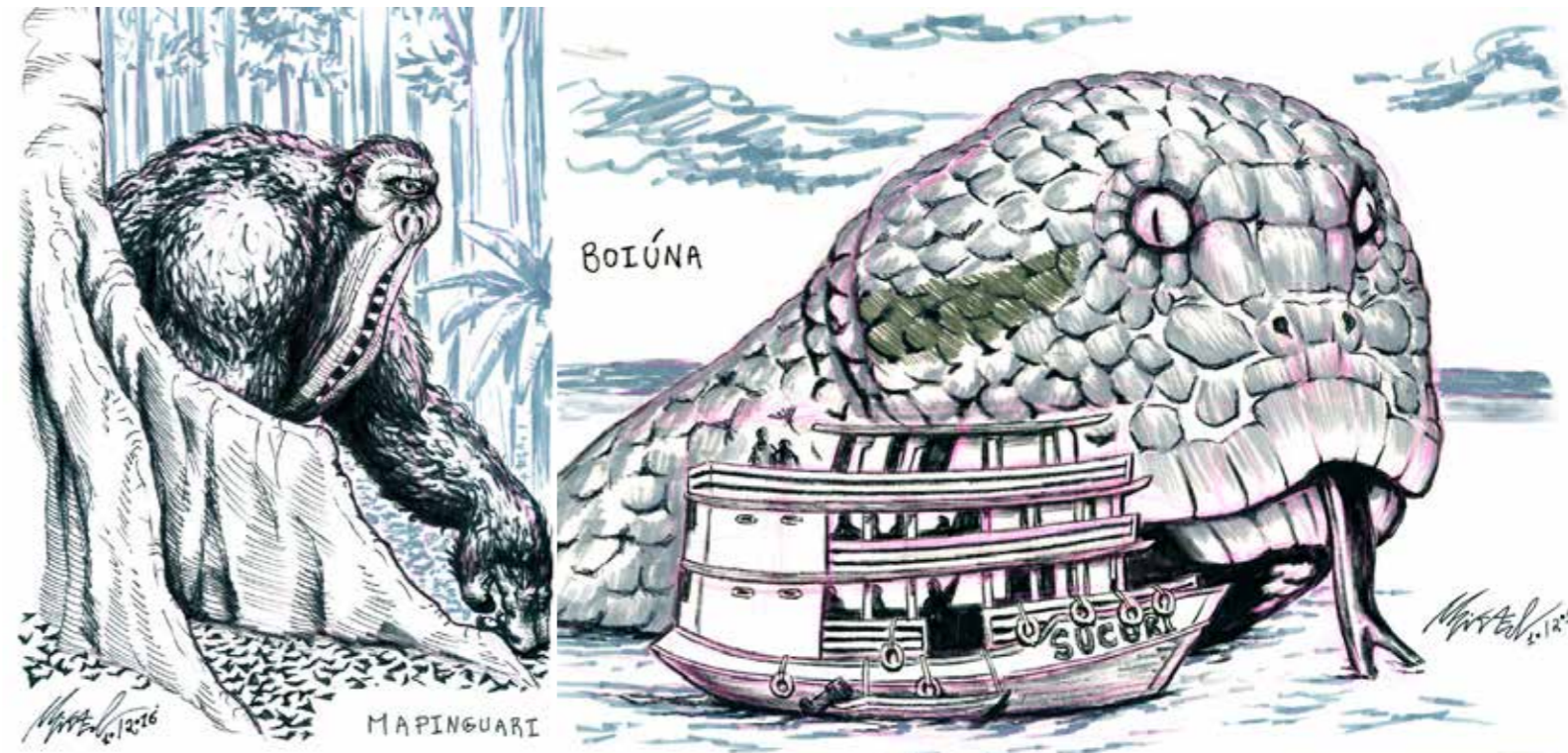
Por coincidência, essa é também a cidade do escritor e folclorista Monteiro Lobato, que valorizou a cultura nacional em

sua farta obra literária. A casa onde ele nasceu e cresceu, em Taubaté, abriga hoje o Sítio do Pica-pau Amarelo, um centro cultural e museu vivo, onde estão sendo preservados a memória do autor e seus personagens.

A Língua Geral, em suas várias formas, desapareceu no país inteiro, com exceção do nheengatu, ainda hoje em uso na região do Alto Rio Negro, Estado do Amazonas, fronteiras do Brasil com a Colômbia e Venezuela, na Planície Amazônica.

No entanto, a música do caipira se espraiou pra muito além do Sudeste, ganhando todo o Brasil Central, parte da Amazônia, do Nordeste e também do Sul, especialmente o Paraná, com a denominação de "sertaneja". Hoje, porém, esse estilo tem sido desvirtuado por um gênero novo, chamado de "sertanejo universitário", que usa ritmos completamente diferentes dos originais.

Isso não impede, contudo, que as festas (ranchos ou ternos) do Divino Espírito Santo, de Reis, do Boi e outras manifestações continuem ocorrendo em toda essa





Artes de Mikael Quitês.

região, puxadas por duplas de cantadores que normalmente tocam viola de 10 cordas e violão normal.

No Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, área do Pantanal, são mantidas algumas características próprias, que incluem instrumentos musicais. É o caso da viola de cocho, pequena, escavada em madeira mole, em peça única, com quatro cordas de náilon (linhas de pescar), que é usada em rasqueados, mazurcas e outras batidas musicais. Ela se tornou bastante conhecida, no Brasil e no exterior, pelas mãos do violeiro e compositor Roberto Corrêa, mineiro radicado em Brasília.

Instrumento semelhante, ainda menor, a viola de buriti, do tamanho de um violino, até hoje é usado em cantorias entre as populações dos vales dos rios Araguaia e Tocantins. Tanto seu corpo quanto o braço são feitos de galhas da palmeira buriti, escavadas e justapostas, também com quatro cordas de linhas de pesca.

FESTAS RELIGIOSAS

Todos os anos, na segunda quinta-feira de janeiro, não é feriado, mas grande parte da população soteropolitana se veste de branco e participa de um evento que se repete há 250 anos na capital da Bahia. É a Lavagem do Bonfim, parte dos calendários católico e do candomblé no sincretismo religioso baiano.

O ajuntamento inicial se dá em frente a uma igreja próxima do Mercado Modelo, de onde mais de um milhão de pessoas saem em procissão, que percorre oito quilômetros da Cidade Baixa, até chegar à colina onde está a Igreja do Bonfim. Dezenas de baianas, vestidas a rigor, carregam flores, vassouras e potes de água de cheiro, com as quais irão lavar as escadarias daquele templo.

A cerimônia comemora um evento ocorrido em 1.773, quando escravos negros foram obrigados a lavar aquela igreja, como forma de se redimirem das suas crenças de origem africana. O percurso ganha um caráter festivo, dado por muitos grupos de percussão e pelo farto uso de bebidas alcoólicas.

No entanto, a maior festa religiosa do Brasil – considerada Patrimônio da Humanidade pela Unesco – é o Círio de Nazaré, que tem reunido mais de dois milhões de pessoas todos os anos, em Belém do Pará. A procissão ocorre no segundo domingo de outubro, em veneração à Nossa Senhora do Nazaré, originalmente venerada em Portugal.

Uma estátua de Nossa Senhora de Nazaré foi encontrada por um caboclo na capital paraense, no ano de 1700, cunhada em madeira e do mesmo tamanho que a original portuguesa. A santa católica passou, então, a ser venerada pelos seguidores daquela igreja, que transportam a imagem do porto até o santuário a ela dedicado, como protetora da cidade de Belém, conforme a crença popular.

Em verdade, no país inteiro há outras festas de caráter religioso que atraem grandes públicos em períodos diferentes do ano.

O CARNAVAL

O Carnaval é, nos dias atuais, a maior festa popular do Brasil, sem dúvidas. Sua origem está nos festejos profanos da Antiguidade, em que comunidades inteiras saíam às ruas pra pular e dançar, enquanto se molhavam com água e se lambuzavam com farinhas e ovos. Foi incorporado ao calendário católico e, em Portugal, já usava o nome de “Entrudo”, na forma que chegou ao lado de cá do Atlântico, ainda no Século XVII, mas se fortaleceu após a Independência.

Essa manifestação passou a

ser realizada nos quatro dias que antecedem a Semana Santa, sempre em fevereiro, ainda no início do ano, período em que era realizada no seu formato original. No Brasil, acontecia inicialmente em cidades do interior do Nordeste, com destaque pra Pernambuco e Rio Grande do Norte, onde era mais rumorosa, envolvendo do escravo ao seu amo, mais padres, juizes, toda a sociedade, enfim.

No Rio de Janeiro, ganhou vulto, mantendo as mesmas características de uma festa ecumênica, eclética. É bastante contado por historiadores um fato que se passou com D. Pedro II, numa festa do Entrudo. Conhecido pelo seu jeito circunspeto, fechadão, o imperador foi parar num tanque de chafariz, todo molhado e coberto de polvilho, alegre, sorridente.

De lá pra diante, o evento passou a incorporar outras manifestações, inclusive o samba de roda importado da Bahia, e foi ganhando vulto até chegar ao que é hoje.

Na Bahia, o processo de desenvolvimento do Carnaval foi parecido, mas sempre ligado a manifestações de origem africana, aos blocos de rua, alguns dos quais hoje bastante conhecidos mundo afora, como o Filhos de Gandhi, Olodum, Ilê Aiyê e tantos outros.

Em 1950, a dupla de técnicos em eletrônica Dodô e Osmar resolveu eletrificar os instrumentos de um grupo de frevo pernambucano que se apresentava em Salvador, sobre a carroceria de um Ford 29. Assim, nasceram o trio elétrico e a guitarra baiana, que são as marcas desse evento por lá.

Em outras capitais e cidades do interior, de norte a sul do país, a festa do Entrudo incorporou ritmos regionais ou locais e foi se transformando em Carnaval.

O mesmo ocorreu com o Fes-

tival Folclórico de Parintins, no Amazonas, onde o Bumba Meu Boi se transformou numa atração mundial, só que sempre na última semana de junho, período das festas juninas. Na cidade e região, há registros de grupos dessa dança há mais de um século, sempre voltados a uma temática regional, das lendas, mitos e costumes de indígenas e populações ribeirinhas.

O evento surgiu de forma mais organizada em 1965, por iniciativa de um grupo de jovens católicos. Depois, foi assumido pela Prefeitura Municipal, como atividade pública, e foi construído um “bumbódromo” à imagem e semelhança do “sambódromo” do Rio de Janeiro.

Dois grupos, o Garantido e o Caprichoso, se destacaram em disputas locais e todo ano, por três dias, chamam a atenção de grande público, boa parte de turistas.

FRONTEIRAS

Nas áreas de fronteiras do Brasil com os países vizinhos, especialmente Argentina e Paraguai, é grande a influência de outros ritmos, festas dançantes e mesmo seus instrumentos musicais, como é o caso da harpa paraguaia.

Mas é forte, também, a literatura popular, em prosa e poesia, que mantém viva a memória de personagens da mitologia local. Um caso muito famoso, bastante difundido na Região Sul, é de “El Gaucho Martin Fierro”, do argentino José Hernandez, publicado pela primeira vez em 1872, que descreve em versos a vida na zona rural e em pequenas comunidades.

Em verdade, a chamada “poesia gauchesca”, amplamente difundida no Brasil, Uruguai e Argentina, é uma importante forma de manifestação popular, como ocorre também com a “poética nordestina”, no Nordeste do



Brasil, em formatos diferentes.

Declamada ou cantada, essa poesia normalmente relata aspectos da vida cotidiana das populações nativas, originalmente apresentada em rodas de chimarrão e bochichos, momentos tradicionais de convívio nas comunidades dos pagos sulistas. No Brasil, a maior expressão dessa arte foi Jayme Caetano Braun, cuja obra é muito difundida em toda a América Latina.

No entanto, há outras formas de influência, como ocorreu com o *reggae*, gênero musical que é parte marcante do folclore do estado do Maranhão. Sua terra de origem é a Jamaica, que foi colônia inglesa no Caribe até a década de 1970.

A explicação mais aceitável pra essa influência é o rádio. Desde meados do século passado, a BBC, emissora estatal britânica, manteve em território jamaicano potentes transmissores de Ondas Curtas, com programação local, que incluía a música e chegava rachando na costa brasileira, em especial aos ouvintes maranhenses.

Outros ritmos caribenhos chegaram a grande parte da Amazônia brasileira, influenciando o surgimento do Carimbó e de outros ritmos daquela região. Eram

trazidos aos recantos tupiniquins por meio da radiodifusão, em especial a igualmente potente Rádio de Havana, em Cuba, cuja musicalidade se misturou com a do indígena e de outras comunidades locais.

DIVERSIDADE

As novas tecnologias afastam a juventude de suas tradições, segundo muitos estudiosos. Mesmo nas zonas rurais e pequenas comunidades, o telefone celular e as redes sociais na Internet interferem negativamente nas relações pessoais, presenciais, o que inclui eventos festivos e rodas de conversa.

De quebra, a motocicleta afasta as pessoas do animal, como meio de transporte, as tropas e boiadas já não andam mais no chão, as academias de musculação tentam substituir os grupos de luta-dança da capoeira, os lanches rápidos, pasteurizados, substituem a culinária tradicional no cotidiano e assim por diante.

Ainda assim, no entanto, o Brasil mantém viva uma grande diversidade de manifestações folclóricas que fazem parte da sua cultura. E conta, pra isso, com farta documentação em literatura e meios audiovi-

suais que ajuda a guardar e difundir o conhecimento acumulado, que se pretende repassar às novas gerações.

No Pernambuco, por exemplo, segue viva a literatura do escritor e folclorista Ariano Suassuna, que influencia a atividade artística em outros campos, como a música, o teatro e a poesia.

Lá mesmo, onde os rios Beberibe e Capibaribe “se juntam pra formar o Oceano Atlântico”, como diz a anedota local, são muitas as manifestações nesse sentido. Outro exemplo é o da obra do pesquisador Mário Souto Maior, falecido em 2001, que já estava exposta fisicamente, agora ganhou também uma rica página na Internet.

Em todos os estados, com ou sem apoios oficiais ou da grande mídia, há gente empenhada nessa empreitada de manter vivo o folclore brasileiro. Em último caso, que se espalhe a “paralisia do sono” da velha Pisadeira pra chamar a atenção de jovens.



Jaime Sautchuk
Jornalista. Escritor

Artes por Mikael Quités
www.mikaelquites.com

INTERNET É PRIORIDADE DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

O macrossetor de TI e TICs e Internet, imprescindível para sustentar todos os processos da modernidade, é dominado em um monopólio efetivo pelos países desenvolvidos. A expressão desse domínio quase irreversível e definitivo é a evidência de que o macrossetor é o motor da “Globalização”, com um papel absolutamente contraditório no desenvolvimento.

Em um país líder de tecnologia como os EUA, o macrossetor é indutor de crescimento econômico. Já em um país “consumidor” de tecnologia como o nosso, o macrossetor é um fator crítico frequentemente aumentando o “custo Brasil” e freando o crescimento. Em ambos os países, no entanto, o desenvolvimento do macrossetor – iniciado com o invento do computador programável – teve impacto negativo sobre o trabalho.

Essa circunstância adversa agravou-se depois de 2008, quando houve um recrudescimento com ainda maior contração e eliminação de ocupações e postos de trabalho decorrentes da automação do próprio “processo de software” e das mudanças impostas pelo capital investido ao longo de 50 anos no próprio macrossetor. A emergência das nuvens produziu o fechamento do negócio sobre si mesmo para evitar que seus legados fossem pirateados e parasitados pelos sem capital simbólico dos legados tecnológicos, e que tendo abundância de capital humano – trabalho vivo – poderiam se apropriar desses legados tecnológicos e em um momento seguinte ter competitividade para entrar no respectivo negócio.

Isso impede o desenvolvimento do mercado de trabalho no macrossetor, que majoritariamente recruta trabalhadores/profissionais, nos locais onde se localizam os centros de pesquisa dessas nuvens. O que resta para fazer nas economias periféricas é trabalhar na introdução dos serviços das nuvens nessas mesmas economias. Aqui reside o paradoxo que a informática pública deve revelar, desfazer e superar.

Essa informática pública não é aquela do senso comum, sempre confundida com uma informática estatal, que é destinada a sustentar somente os processos das ações estatais e governamentais e dos serviços públicos.

Informática pública é um conjunto muito maior, rigorosamente o conjunto estendido da informática estatal clássica. Essa nova informática pública contém todas as informáticas – plataformas de hardware e de softwares – para sustentar as economias estruturadas e as ações políticas demandadas num determinado território e, para isso, Software Livre e Software Público são essenciais.

No caso do Brasil reconhecer o papel central da informática pública é insuficiente. A complexidade da nossa economia requer uma estratégia “botton up” de desenvolvimento – partindo do município para o estado e deste para o nacional – exatamente para tratar a diversidade da economia em cada município. O modelo para ser funcional e possível de ser executado com governo efetivo deve ser desenhado para implementação com total autonomia e independência em cada parte do território.

O SINDPD-DF reconhece o macrossetor TI e TICs e Internet como motor da globalização, mas com um papel absolutamente contraditório no desenvolvimento, pois a expansão do macrossetor sempre teve impacto negativo sobre o trabalho – tanto na quantidade como na qualidade dos postos de trabalho

ARTE RUPESTRE NO CERRADO: UMA PEQUENA REFLEXÃO

Altair Sales Barbosa



Ainda estamos engatinhando na busca do que representa e do que significa toda esta arte do Brasil Central.

Claramente se percebe que os diferentes estilos são limitados localmente e que pertencem a tradições amplamente espalhadas pelos quatro cantos do país. Para cada um deles não há só conteúdos diferentes, mas também diferentes maneiras de representar as coisas e, em certo sentido, até lugares diversos para colocar as figuras.

Cada um dos estilos não é, em si mesmo, tão rigidamente padronizado como às vezes nos sugere o termo, mas pode usar extrema flexibilidade nos objetos representados, na maneira de representá-los e nos lugares para isso escolhidos. Dos estilos estudados, o de Serranópolis apresenta maior variabilidade, mas Caiapônia não fica muito atrás.

Algumas populações foram capazes de elaborar pinturas naturalistas com muito movimento

e cenas de grande criatividade, como as de Caiapônia. Outras produziram cenas altamente estilizadas, mas muito sugestivas, como as de Jaraguá.

A maior parte não soube ou não quis dar movimento às figuras e simplesmente as justapôs ou distribuiu no espaço uma forma mais naturalista em Serranópolis, mais estilizada em Itapirapuã e na Bahia, ou simplesmente geométrica, em Formosa e também em Monte do Carmo.

Há as que usam só a pintura,

como em Caiapônia, Formosa e Bahia; outras, a pintura e a gravura, como em Serranópolis; e outras só a gravura, como as demais, mesmo se às vezes preenchem os sulcos com pigmentos, como em Monte do Carmo-TO.

O lugar das sinalizações costuma ser o próprio abrigo onde moram, ou um lajedo ou bloco de pedra na proximidade de uma aldeia, quando agricultores.

O que as figuras representam? A maior parte das cenas e outras figuras naturalistas parecem clichês ou representações da realidade cotidiana, como a caçada, o abastecimento, a família, as brincadeiras, os animais em movimento ou parados.

Jaraguá também? Ou temos aí algo diferente, como uma cena de sacrifício real ou mitológico? Os altamente estilizados de Itapirapuã, tão obscuros para nós e ao mesmo tempo tão sugestivos: imensas serpentes estendidas, enroladas, com perninhas; plantas com flores; pisadas dos mais variados animais do Cerrado. E a quantidade de figuras que classificamos como geométricas em todos os lugares?

Como eles se encaixam no cotidiano das populações? Certamente são excelentes marcadores de lugar. Qualquer morador indígena poderia identificar sem erro, nem problemas, o "paredão das araras", onde existe o melhor material para fazer instrumentos de pedra; o imenso salão coberto da "mulher pintada", onde cabia todo o bando para a estação das chuvas; a aldeia junto ao "lajedo das cobras", onde o moço agricultor tinha de escolher a sua noiva.

Para esta identificação, poderia servir tanto uma figura isolada como um conglomerado sem sentido aparente, ou uma cena como a "ciranda dos macacos". Poderia servir também para marcar e delimitar o território de cada um dos grupos nômades.

Mas seria só isto? Com certeza, não. A pintura "veste" os abri-



gos por mais inóspitos que eles tenham parecido inicialmente, tornando-os domésticos e hospitaleiros.

Isto é evidente nos grandes abrigos de paredes verticais, cheios de quadros muito elaborados, mas aparece mais ainda nas pequenas furnas, onde as irregularidades das paredes e dos tetos são cobertas por rudimentares volutas e arabescos, que decoram todo o espaço; ou em abrigos de tetos inatingíveis, contra as quais se jogam mãos cheias de tinta para que os seus respingos os transformem em verdadeiro céu estrelado. Só os espaços decorados são habitados. Abrigos com pouca decoração eram poucas vezes utilizados.

E poderia servir, também, à competição e ao treinamento. As pinturas mais bonitas estão nos lugares de mais difícil acesso, obrigando o artista a subir na ponta de árvores, nas saliências perigosas das rochas, ou a armar um andaime primitivo. E os mais simples estão perto do chão, como se fossem produto de mão infantil, imitando o que o mais velho fazia mais para cima.

Os lajedos com gravuras à beira dos córregos e das lagoas, onde mora a sucuri, seriam ex-

celentes lugares para os rituais coletivos ou para a meditação particular.

O que é certo é que as pinturas e gravuras representam algo de muito importante para os seus criadores: elas continuaram durante ao menos dez mil anos e foram respeitadas de tal modo que só raramente se encontram figuras sobrepostas, apesar de terem sido complementadas durante inúmeras gerações.

Nelas certamente está representada parte da sua história, da sua sociedade, da sua cultura. E, ao mesmo tempo em que sucessivas gerações indígenas aprendiam através delas, como um patrimônio do passado, com satisfação as complementavam, aumentando o legado para as gerações futuras.

As gerações indígenas terminaram e as suas gravuras e pinturas foram abandonadas e esquecidas. Até que nós as encontramos. Hoje são patrimônio da humanidade e nossa responsabilidade.



Altair Sales Barbosa
Doutor em Antropologia.
Pesquisador do CNPQ



JUAZEIRO, A CARA DO SERTÃO NORDESTINO

Eduardo Henrique



**RUA JESULINO MALHEIROS, ANTIGA RUA DOS CRIoulos:
A PRIMEIRA RUA DE FORMOSA, SEGUNDO ALFREDO A. SAAD**

Foto: autoria não identificada

“Segundo a lenda, os primeiros moradores da rua dos Crioulos, provinham do Arraial de Santo Antonio, de onde fugiram por causa das doenças que lá grassavam. Daquela rua primitiva originou-se o Arraial de Couros e, depois, a cidade de Formosa.

Esse núcleo foi criado, exatamente, onde hoje se situa a rua Jesulino Malheiros, a antiga rua do Norte, a despeito da Enciclopédia Brasileira dos Municípios, editada pelo IBGE, apontar uma suposta rua Sérgio Teixeira como a primeira rua de Couros (...)

Contrariando a lenda, não havia casas cobertas de couro. Os couros e as peles dos animais eram muito valiosos e, portanto, utilizados para comerciar. Em situações excepcionais, o comerciante os utilizava para dormir.”

Com muito orgulho, o Sinprefor compartilha aqui, por meio deste texto do jornalista Alfredo A. Saad (falecido em 2011), registrado em seu livro póstumo “Álbum de Formosa – um ensaio de história de mentalidades” (2013), um pequeno trecho da história de Formosa.



Foto: acervo revista Xapuri

CUT SINPREFOR
SINDICATO DOS FUNCIONÁRIOS
PÚBLICOS MUNICIPAIS DE FORMOSA



Fotos Eduardo Henrique

Eternizado nesta canção, o juazeiro (*Ziziphium juazeiro* Mart.) é um dos elementos típicos das paisagens dos sertões nordestinos. É uma espécie endêmica da vegetação caatinga, com porte arbóreo e característica perenifólia, ou seja, não perde suas folhas no período seco do ano, ao contrário da maioria das espécies da flora no bioma Caatinga. Essa particularidade deixa o juazeiro em evidência no período seco do ano, onde o verde de suas folhas contrasta com o acinzentado da paisagem.

Seus frutos são pequenos, porém suculentos e adocicados, possuem alto teor de proteínas e vitamina C, sendo muito apreciados por diversos animais silvestres e domésticos, principalmente caprinos e ovinos. Na alimentação humana, é comum a utilização do fruto in natura ou na fabricação de geleias caseiras.

Além de todos esses benefícios, o juazeiro é utilizado como planta medicinal pela tradição popular no combate a problemas gástricos através do extrato de suas folhas. Por outro lado, o pó da raspa da casca desta planta possui alto teor de saponinas, sendo muito utilizado para higienização bucal, prevenindo contra cáries e promovendo a redução da placa bacteriana.

Indiscutivelmente, o juazeiro constitui uma riqueza natural da Caatinga, com diversos benefi-

Juazeiro
“Juazeiro, Juazeiro
Me responda, por favor
Juazeiro, velho amigo
Onde anda o meu amor
Ai, Juazeiro
Ela nunca mais voltou
Diz, Juazeiro
Onde anda meu amor...”

Trecho da música Juazeiro: Humberto
Teixeira e Luiz Gonzaga

cios para o homem e a biodiversidade. No entanto, não se pode esquecer que o uso de qualquer planta para fins medicinais deve ser muito bem estudado e planejado, evitando-se causar riscos ao estado de conservação dessas espécies.

Assim, espera-se que o compartilhamento de conhecimentos sobre biodiversidade aflore nas pessoas o desejo de cuidar cada vez mais do nosso meio ambiente.



Eduardo Henrique
Estudante de Agronomia
da UFRPE. Administrador
da página Viva Caatinga.
Fotógrafo da natureza.

SALVE, ANGELA DAVIS!

SARAVÁ! ORA IÊ, IÊ, Ô!



Iêda Leal

Saudamos, em português e em banto e em yorubá, esta mulher negra e revolucionária, que traz à luz um debate sobre o extermínio e o encarceramento do povo negro no Brasil e nos Estados Unidos.

Angela Davis, que se define como uma lutadora contra o racismo, tem denunciado, em todo o mundo, os abusos do encarceramento em massa de homens e mulheres negras. Segundo a filósofa e ativista, as prisões em larga escala não socializam os presos. Ao contrário, eles saem de lá brutalizados.

Angela Davis e outros ativistas dos direitos civis nos Estados Unidos denunciam que homens e mulheres negras estão sendo explorados nas prisões norte-americanas como mão de obra barata por grandes companhias que prestam serviços para as forças armadas estadunidenses e outras companhias como IBM, Boeing, Motorola, Microsoft, AT&T, Wireless, Texas Instrument, Dell, Compaq, Honeywell, Hewlett-

-Packard, Nortel, Lucent Technologies, 3Com, Intel, Northern Telecom, TWA, Nordstrom's, Revlon, Macy's, Pierre Cardin, Target Stores, Eddie Bauer, Victoria's Secret.

Os presos trabalham até dez horas por dia, recebem "salários" de 0,13 a 0,50 dólares/hora, não têm direitos trabalhistas, planos de aposentadoria, de saúde, ou seja, são os novos escravos da elite branca. Sobre isso, disse Angela Davis: "No passado houve quem defendesse a manutenção da escravidão de forma 'mais humanizada'. Esse argumento não nos faz sentido, mas há os que defendem a reforma do sistema carcerário hoje. A escravidão e o cárcere são instituições de repressão estruturadas no racismo. Abolir o sistema carcerário nos faz pensar a sociedade em que esse sistema de punição emerge e buscar novas formas de justiça", aponta.

Acompanhamos atentamente a palestra de Angela Davis: "Atravessando o tempo e construindo o futuro da luta contra o racismo", que integrou a programação Julho das Pretas, agenda unificada de ações do movimento de mulheres negras na Bahia e em diversos outros Estados, em comemoração ao mês da Mulher Afro-Latino-Americana e Caribenha.

Foram de arrepiar as palavras de Davis, um sopro de esperança e alento num dos momentos mais difíceis da história política de nosso país. Ela começou falando sobre a escolha de Salvador, pela quarta vez, como local de suas palestras no Brasil: "As mulheres dos EUA têm muito a aprender com a longa história de luta do feminismo negro no Brasil."

"Mãe Stela de Oxóssi me falou sobre a importância das mulheres negras na preservação das tradições do candomblé. Vi a impor-

tância de Dona Dalva para manter a tradição do samba de roda no Recôncavo Baiano". E emendou: "Ela já falava sobre os elos entre negros e indígenas na luta por direitos. Essa é uma das lições que os EUA podem aprender com o feminismo negro daqui."

Angela também elogiou o movimento organizado bem-sucedido das trabalhadoras domésticas negras. "Nos EUA não conseguimos estruturar essa categoria com sucesso. A liderança dessas mulheres não se estrutura naquele individualismo carismático masculino que vimos no passado. É um tipo de liderança que enfatiza o coletivo e as comunidades onde vivem", revela.

O Brasil é o terceiro país com mais encarcerados no mundo: 715 mil, a maioria deles negros. Os EUA estão em primeiro lugar, com 2 milhões de detentos e detentas, também em sua maioria negros.

Novamente tratando do tema do encarceramento, disse de forma simples e didática, a necessidade de mudanças neste sistema

que pune e não reeduca: "Quão transformador é enviar alguém que cometeu violência contra uma mulher para uma instituição que produz e reproduz a violência? As pessoas saem ainda mais violentas da prisão. Adotar o encarceramento para solucionar problemas como a violência doméstica reproduz a violência que tentamos erradicar", ensina. Angela Davis chega aos 77 anos, com a mesma energia da ativista que nas décadas de 1960, 1970 e 1980 foi uma das principais figuras do movimento contra o racismo e pelos direitos civis nos Estados Unidos.

Para ela, a próxima revolução será negra e feminina: "Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela, porque tudo é desestabilizado a partir da base da pirâmide social onde se encontram as mulheres negras, muda-se a base do capitalismo".

Salve, Angela Davis! Salve a luta das mulheres negras no Brasil e nas Américas.



Iêda Leal

Professora da Rede Pública de Ensino, Secretária de combate ao racismo da CNTE, Coordenadora do C. R. Lélia Gonzales, Tesoureira do Sintego e Vice-presidente da CUT - GO

CEM 111 do Recanto das Emas dá aula de sustentabilidade no beneficiamento de alimentos

Com fartura de corredeiras, poços, paredões e nascentes, Recanto das Emas - região administrativa do Distrito Federal - vem se firmando como cidade ao longo dos anos, hoje com uma população de cerca de 150 mil habitantes. Boa parte reside na área urbana, o que não impede a existência de diversas pequenas propriedades rurais. E, claro, esses agricultores precisam de energia para produzir.

Então, como usar a energia que existe em abundância na comunidade, uma energia limpa, barata e renovável para processar alimen-

tos em agricultura familiar? Com essa pergunta na cabeça, o professor de física do Centro de Ensino Médio (CEM) 111 do Recanto das Emas, Leonardo Marra Cruvinel, foi a campo com os estudantes Wesley Gomes Moreno, Mateus Jacó, Gustavo Oliveira de Souza, João Pedro Lopes Pereira e Matheus de Oliveira Nogueira - todos do 3º ano do ensino médio, no ano passado.

“Diante dos graves impactos ambientais, a sociedade brasileira tem o grande desafio de cuidar para que não aconteça um maior esgotamento dos recursos naturais - cabendo a cada indivíduo, por sua vez, desempenhar o seu

papel na construção de uma sociedade de consumo consciente. E, mais particularmente, sobre a escassez dos recursos energéticos, é urgente que sejam pensadas, não apenas, alternativas de fontes energéticas limpas, mas alternativas que reduzam o uso de energia”, resume o professor, nascido e criado no interior de Minas Gerais.

Não demorou muito para que a equipe desenvolvesse um monjolo. Não um tradicional, mas um monjolo com seis mãos de pilão e movido à roda d’água.

“Falando sobre transformações de energia em sala de aula, despertou a curiosidade de alguns estudantes sobre uso da roda d’água



Monjolo inovador, em escala, mostra do que é capaz

como agente motor nas máquinas antigas. Trabalhamos alguns vídeos sobre o uso da roda d’água em máquinas de beneficiamento de alimentos associando a nossa comunidade, que se encontra em uma região com água em abundância e terreno irregular. Montou-se um protótipo de um monjolo com seis mãos de pilão movido à roda d’água, substituída por um motor elétrico para fins de demonstração indoor”, explica Leonardo Marra.

Com o uso do protótipo foi possível ver os resultados positivos no beneficiamento de alguns cereais, tais como milho e café.

Leonardo destaca que a prática educativa propiciou o conhecimento e o aprofundamento de conceitos, teorias e ações no contexto do projeto. “Houve maior interação dos alunos no desenvolvimento das atividades, ocasionando maior conceito em metodologia científica e interdisciplinaridade -

com a participação dos professores de História e Geografia, por exemplo”, explica.

O professor disse também que a partir do funcionamento do protótipo - desenvolvido em uma escala 1:4 -, “estamos buscando parceria da comunidade no desenvolvimento do projeto, e alguns chacareiros já se interessaram em sua construção”.

O projeto deu tão certo que despertou o interesse acadêmico e foi apresentado na UnB e no Instituto Federal de Brasília (IFB). Não bastasse, ganhou o “Prêmio Respostas para o Amanhã” (edição 2016), uma iniciativa da Samsung, com apoio da Unesco e outras instituições de peso. A ideia do monjolo reinventado e inovador ficou entre as cinco mais bem colocadas da Região Centro-Oeste e entre as 25 do país, em um universo de cerca de 1.700 trabalhos. Isso rendeu ao professor e seus estudantes convite para apresentá-lo, agora em agosto de 2017, em Portugal, viagem infelizmente inviabilizada por falta de recursos financeiros.



Professor Leonardo com os estudantes Wesley e Mateus.

Foto: acervo da Escola



Estudantes fazem apresentação indoor do projeto.

QUEM É QUE NÃO GOSTA DE RAPADURA?

Zezé Weiss

Brasil afora, não há um canto sequer onde as pessoas não gostem de uma boa rapadura, doce de origem açoriana ou canária, produzido e comercializado em forma de pequenos tijolos, com sabor e composição semelhante ao açúcar mascavo.

Fabricada em pequenos engenhos de açúcar, diz a Wikipédia (www.pt.wikipedia.org) que seu nome resulta das "raspas

duras" de açúcar acumuladas nos tachos em que se fabrica o doce, e que a rapadura surgiu no século XVI, como solução para transporte de açúcar em pequenas quantidades para uso individual.

Como o açúcar granulado umedecia e melava facilmente, os tijolos de rapadura eram facilmente acomodados em sacolas de viajantes, resistindo

durante meses às mudanças atmosféricas.

Doce tipicamente da roça, a rapadura exige, para a sua feitura, o melaço da cana-de-açúcar, o mesmo utilizado para a produção da cachaça. O site www.sebrae.com.br traz todos os passos e etapas para a produção de uma rapadura, que reproduzimos aqui, com edições.



1. Escolha e limpeza da cana-de-açúcar: A cana-de-açúcar deve ser bem despontada, e o palmito totalmente retirado. Deve também se apresentar limpa, a partir da retirada de todas as folhas laterais dos colmos que, depois de cortados e transportados, deverão ser mantidos em galpões cobertos, cujo piso não venha a sujar a cana com a terra.
2. Moagem: Procede-se, então, à moagem dos colmos, tomando-se o cuidado de ajustar bem os componentes da moenda, possibilitando um bom rendimento do caldo. Em média, é possível extrair cerca de 500 litros de garapa para cada tonelada de cana-de-açúcar moída, que renderão de 70 a 100 kg de rapadura, ou de 100 a 150 rapaduras de 650 gramas cada.
3. Retirada de impurezas: O caldo extraído deve ser peneirado com peneira de malha fina, de inox, cobre ou mesmo nylon, para a retirada das impurezas grosseiras. Após este processo, o caldo é deixado em repouso por aproximadamente 15 minutos para decantação das impurezas remanescentes, antes de ser colocado nos tachos de cobre para ser aquecido. No momento do aquecimento, outras impurezas emergem e devem ser retiradas com o auxílio de uma concha ou de uma escumadeira. É importante salientar que a retirada das impurezas (folhas, bagacilho, proteínas coaguladas e ceras, dentre outras) é crucial para a produção de uma rapadura de qualidade e de coloração mais clara e atrativa. Esta remoção deve ser feita de forma completa, cuidadosa e contínua até que o caldo comece a ferver.
4. Cozimento: Na fase de fervura do caldo, algumas impurezas se aglutinam nas partes mais frias do tacho, já que durante o processo o fogo não apresenta uma chama uniforme. Deve-se ficar atento para que estas impurezas sejam totalmente re-

movidas. O caldo entra, então, na fase de perda contínua de água, transformando-se num líquido cada vez mais amarelado e espesso. Quando se vai atingindo esta fase final, o uso de um termômetro pode indicar o término do cozimento. Em geral, o final do cozimento se processa entre 114º e 120º C. Genericamente, as pequenas propriedades não possuem termômetros e os produtores de rapadura visualizam o momento final do cozimento por meio da obtenção do ponto de bala, procedimento que consiste na adição de algumas gotas do xarope em um prato de água fria. A massa resultante vai tomando a consistência de bala ao ser manuseada. Este é um dos sinais de que o cozimento chegou ao final, além do descolamento fácil da massa das laterais e do fundo do tacho. Após o final do cozimento, a massa cozida é retirada do tacho com o auxílio de uma concha e é colocada em cochos de madeira, e agitada com o uso de uma régua de madeira ou de uma espátula, até que atinja condições de se modelar a rapadura.

5. Resfriamento: Nessa fase são acrescentadas substâncias que podem agregar valor ou, simplesmente, diferenciar o produto final. Os principais produtos acrescentados à massa são: amendoim, coco, mamão, abóbora, leite, dentre outros. No caso do amendoim e do coco, os mesmos deverão ser torrados antes de sua adição à massa da rapadura em sua fase de resfriamento. No caso da abóbora e do mamão, estes devem ser primeiramente ralados.
6. Modelagem: Com o auxílio de uma concha, a massa é transferida para formas que conferem a modelagem do produto. Após o resfriamento, a rapadura deve ser embalada de forma a não deixar que fique ar entre sua superfície e a embalagem, para não haver perda de qualidade do produto final.



Zezé Weiss
Jornalista
Socioambiental
@zezeweiss

SERIA POSSÍVEL UM TRUMP TROPICAL?

Emir Sader



No período da globalização, os fenômenos internacionais tendem a ter peso ainda maior no plano nacional. Por isso é fundamental a sua compreensão, tanto para entender as eventuais analogias, quanto as diferenças, assim como para evitar a repetição mecânica de velhos clichês da esquerda, desgastados pelo seu uso e também pela sua reiterada inadequação, que mais confundem do que ajudam a compreensão dos fenômenos.

A emergência do neoliberalismo representou uma imensa vitória da direita e revés da esquerda, em vários planos. Não vamos repeti-los aqui, mas é fundamental recordar o desgaste da imagem do Estado, da política, dos partidos, das soluções coletivas e do próprio socialismo. No seu lugar, emergiram com força o mercado, as empresas, uma certa "sociedade civil", os "indivíduos", o consumidor.

Foi no período neoliberal que esse modelo foi assumido por forças social democratas e até mesmo nacionalistas (México e Argentina, por exemplo), isolando as forças que resistiram à sua emergência. As transformações no processo produtivo enfraqueceram aos sindicatos, assim como fortaleceram correntes de

extrema direita, que conquistaram, em base ao chovinismo e à discriminação contra os imigrantes, a setores importantes da classe média e também da classe trabalhadora.

A hegemonia do capital financeiro no plano econômico, por sua vez, reorganiza a unidade interna do grande empresário em torno da especulação financeira, enfraquecendo os processos produtivos, com suas consequências também para os projetos da esquerda. Sem esgotar os novos fenômenos, podemos nos dar conta – e sabemos, pela realidade concreta –, que é um período de fortalecimento global e nacional da direita e enfraquecimento da esquerda, nas suas múltiplas dimensões.

Os governos antineoliberais da América Latina atuaram e seguem atuando contra a corrente, afirmando a prioridade dos direitos sociais, distribuindo renda, retomando o crescimento econômico, fortalecendo o Estado, resgatando o papel da política, dos bancos públicos, da educação e da saúde pública, entre outras conquistas relevantes.

As políticas de austeridade na Europa e, em geral, a adesão da social democracia a modalidades de neoliberalismo geraram forte identidade entre os partidos tradicionais, que perderam apoio pelos efeitos negativos das políticas neoliberais. A bipolaridade partidária europeia foi se enfraquecendo, conforme essas políticas de austeridade, mais acentuadamente depois da emergência da crise recessiva internacional a partir de 2008, se intensificaram, gerando desgastes crescentes em amplos setores da população.

Perry Anderson analisa como as alternativas à austeridade vêm de partidos de extrema direita e da esquerda radical. Aqueles levam a vantagem de posições mais radicais: saída da União Europeia, saída do euro, entre outras, além das posições anti-i-

migrantista, que ganham a setores amplos da classe média e da própria classe trabalhadora. Em vários países da Europa partidos de extrema direita se fortalecem e aparecem como os que melhor galvanizam o descontentamento social com os efeitos das políticas neoliberais, em que o tema da defesa do emprego é central.

O Brexit e a vitória eleitoral de Donald Trump nos EUA representam a expressão desse fenômeno de novas maneiras. O triunfo do Brexit teve no voto de setores da classe trabalhadora do interior da Inglaterra, descontentes com a falta da defesa dos seus empregos pelos partidos tradicionais, a diferença decisiva que permitiu a vitória da alternativa da direita.

Nos EUA, de forma similar, setores da classe trabalhadora que haviam votado em Sanders nas internas do Partido Democrata, decidiram a eleição em quatro estados decisivos, ao deslocar seu voto para Trump, ao identificar nele a defesa dos seus empregos, tema praticamente ausente na campanha de Hillary Clinton.

As forças de direitas somaram, à sua plataforma conservadora, a questão do emprego, com um tom fortemente anti-imigração, certo, mas foi a forma que assumiu essa defesa nos debates eleitorais e que terminaram sendo decisivos para seus triunfos. E esse elemento agregado foi determinante para seus triunfos, mais além de se cumprem ou não com essa promessa.

Embora existam paralelamente outros fenômenos na direção oposta, nesses mesmos países, como o fortalecimento da direção de Corbyn no Partido Trabalhista inglês e a extraordinária campanha de Sanders nos EUA, globalmente a direita continua se fortalecendo.

O Syriza não conseguiu colocar em prática suas posições no governo, o Podemos e a França Insubmissa têm ainda dificuldades para surgirem como alterna-

tivas de governo na Espanha e na França, mas o governo de Portugal tem sucesso na sua plataforma antineoliberal e mostra que ela é factível, mesmo na Europa do euro, embora ainda seja um fenômeno isolado.

Por tudo isso, é totalmente equivocado dizer que há um "agudamento da luta de classes no mundo de hoje". É um clichê herdado do trotskismo, que na sua própria natureza tem essa previsão, diante de qualquer conjuntura, que nunca se confirmou.

Ao contrário. Duras políticas de austeridade na Europa, já por quase 10 anos, não tiveram resposta em grandes mobilizações populares, especialmente do movimento sindical, apesar do alto nível de desemprego e de desgaste do poder aquisitivo dos salários. Foi a direita quem mais capitalizou os efeitos antipopulares dessas políticas e não a esquerda.

Pior ainda. A França era considerada, por Engels, o "laboratório de experiências políticas", porque ali tudo se dava de forma exemplar, radical, desde a Revolução de 1789, passando pela de 1848, chegando à Comuna de Paris de 1871. Essa tendência teve continuidade centralmente pela força da classe trabalhadora francesa, que era comunista ou socialista na sua quase totalidade.

No entanto, como sinal da virada conservadora da Europa e da França em particular, há várias décadas que a maioria da classe trabalhadora francesa vota na extrema direita, na Frente Nacional dos Le Pen. Em vários outros países, entre eles a Inglaterra e os países escandinavos, a extrema direita cresce tirando eleitores dos partidos social democratas, que enfraquecem suas bases operárias.

Em que medida pode-se pensar que fenômenos similares podem se dar aqui, quando Bolsonaro aparece com destaque em pesquisas? A novidade que pode ter aparecido para ficar é o pro-

tagonismo da extrema direita na política brasileira, antes apenas marginal, como produto da radicalização extrema de setores significativos da classe média, pelo ódio ao PT e a líderes de esquerda, como expressão do seu ódio à ascensão social das classes populares. Esse ódio se expressa em posições extremamente conservadoras, preconceituosas, a favor de soluções violentas, defendendo as bandeiras mais retrógradas e discriminatórias que existem no país hoje.

Chega a impressionar que posições dessa índole, antes isoladas em setores pequenos, hoje sejam defendidas por camadas mais amplas, concentradas na classe média, mas que se estendem a alguns setores das classes populares. No entanto, ao contrário do Brexit ou do Trump, o seu catálogo de posições não inclui demandas sociais, nem sequer do emprego. Ao contrário, expressam posições de incômodo e agressividade contra as políticas sociais, contra a ascensão social das classes populares, se somam ao pacote do governo que tira direitos dos trabalhadores.

No plano social se identificam com o golpe, não se pronunciam contra os superlucros bancários, chegam a identificar os problemas do Brasil na violência, que deveria ser combatida com mais violência. Há até mesmo um diagnóstico absurdo que chega a quantificar quanto o país perderia pela violência descontrolada na sociedade, que só seria controlada com mais e mais violentas ações da polícia e até mesmo das FFAA.

Enquanto se mantiver nesse plano, há um teto no possível crescimento de Bolsonaro, especialmente se ele não incorporará grandes reivindicações populares, particularmente o tema do emprego. Ele não reproduziria aqui o potencial do Brexit e de Trump. Só poderia crescer bastante, se a direita se der conta, em algum mo-

mento, que ele poderia ser o único candidato que poderia disputar com Lula. Aí, independentemente das posições que assuma, a direita pode fazer dele a única alternativa anti-Lula, intensificando ainda mais as campanhas contra este e promovendo Bolsonaro como o anti-Lula.

Alternativa não impossível, mas hoje menos provável, porque seria um tudo ou nada muito perigoso para as oligarquias dominantes, com uma candidatura que teria muitas limitações para chegar a amplos setores da população – por exemplo, do Nordeste –, além de que levaria a terem de defender posições extremamente preconceituosas e, no caso eventual de uma vitória, ficar nas mãos de um candidato descontrolado. Mas este seria um problema menor, se chegassem a depender dele para tentar derrotar o Lula.

Para a esquerda, a luta principal é para centrar a agenda nacional nas questões sociais tratando de impedir que a disputa seja centrada no tema da segurança pública, e que setores importantes das classes populares – vítimas diretas da insegurança e da violência –, adiram à centralidade dos problemas de segu-

rança e da necessidade de ainda mais violência. A esquerda teria, finalmente, que incorporar, não como tema central, mas importante, a necessidade de tirar as consequências do consenso geral existente hoje até mesmo entre os conservadores, do fracasso da “guerra às drogas”, e assumir formas de descriminalização, como a adotada pelo Uruguai. Mas, no fundamental, retomar a centralidade dos problemas sociais, preocupando-se antes de tudo pelo tema do emprego e incorporando no discurso e nas medidas, também a setores das classes médias, vítimas das políticas do governo golpista, mas que resistem a localizar nele a raiz dos seus problemas.

A direita parte do isolamento que conseguiu produzir da esquerda, mas esta tem na popularidade do Lula, no seu discurso social, sua grande vertente para romper esse isolamento e derrotar a direita, seja na sua modalidade mais extremista ou em qualquer outra, de dentro ou de fora da política tradicional, que trate de encarnar o anti-Lula, que hoje representa o antidemocracia, o antidireitos sociais da massa da população e o antinacional.



Emir Sader
Sociólogo
Autor do livro "O Brasil que queremos."

ATROPELAMENTOS: AMEAÇA À FAUNA BRASILEIRA

Izalete Tavares



Fotos: Izalete Tavares.

Cerca de 475 milhões de animais silvestres são mortos nas rodovias e estradas do Brasil todos os anos, segundo o ICMBio.

A cada ano, morrem: 430 milhões de pequenos vertebrados, como aves, anfíbios e répteis; 43 milhões de animais de médio porte, como gambás, pequenos roedores e macacos; e, também anualmente, morrem dois milhões de animais de grande por-

te, como onças, lobos e capivaras.

Apesar de gerar grande perda para a fauna e, muitas vezes, causar acidentes graves, com perda também de vidas humanas, muito pouco está sendo feito para evitar acidentes com os animais que se encontram em trechos de estradas ou rodovias de alto risco.

Um levantamento do Instituto de Pesquisas Ecológicas em três

trechos de rodovias de Mato Grosso do Sul (1.161 km nas BRs 267, 262 e 163) entre abril de 2013 e março de 2014, por exemplo, localizou 1.124 carcaças de 25 espécies diferentes, como cachorro-do-mato (286 mortes), tamanduá-bandeira (136) e jaguatirica (7).

Há maneiras de contribuir para a prevenção da morte de animais, silvestres ou não, nas estradas e rodovias brasileiras.

Avistou um animal morto? Fotografe e informe a localização no aplicativo "Urubu Mobile":



Izalete Tavares
Fotógrafa de vida selvagem

Viu um animal vivo? Observe as seguintes dicas:

1. Reduza a velocidade sem descuidar dos outros veículos e espere o animal atravessar a via. Avise outros motoristas da presença do animal.
2. Evite o uso de faróis altos e buzinas, que podem assustá-los e desnortea-los.
3. Caso encontre animais de grande porte em estradas, silvestres ou não (como vacas, cavalos e ovelhas), alerte a Polícia Rodoviária.
4. Animais atropelados devem ser encaminhados para o atendimento veterinário de urgência. Os primeiros socorros, no entanto, dependem do estado do animal. Isole o local do acidente e ligue para as autoridades ambientais, ou para um hospital veterinário que possa lhe ajudar a prestar socorro imediato.



PAÍS DA TOLERÂNCIA E DA SOLIDARIEDADE

Fotos: Acervo Fátima Safadi Carvalho

Fátima Safadi Carvalho

Nem de longe o Líbano de hoje lembra a nação historicamente ocupada e dominada por invasores, desde o ano 3.000 A.C., primeiro pelos Hicsos, Egípcios e Assírios, enquanto ainda era a Fenícia.

A partir do ano 64 A.C., pelos Romanos, depois pelos Cruzados, depois pelos Turcos com seu império Otomano e, por fim, pela dominação francesa, que deixou o país somente em 1946. Sem falar no vizinho rico e belicoso, Israel, apontando seus olhares e garras afiadas 24 horas por dia.

Essa imperiosa necessidade de resistir e sobreviver levou o país a falar três idiomas, o árabe, o francês e o inglês, sendo este último ensinado às crianças desde a alfabetização. Além, é claro, do português e do espa-

nhol, popularizados em face da grande e mais recente imigração latina. Meu árabe com sotaque português fez sucesso.

TOLERÂNCIA E SOLIDARIEDADE

Meus parentes e a região que visitei são predominantemente muçulmanos. No entanto, o que me chamou muito a atenção é a convivência harmoniosa e pacífica entre cidades e povos de religiões diversas. Convivendo com cenas de intolerância religiosa por aqui, imaginei que fosse encontrar um ambiente fundamentalista no Líbano. Exatamente o contrário.

Os Cristãos representam cerca de 53% da população, sobretudo na capital Beirute. O convívio é o mais pacífico possível. Na capital

se pode observar a existência de diversas igrejas católicas. Visitei uma delas, a da Santa Nossa Senhora do Líbano.

Aliás, o presidente do Líbano é um Cristão Maronita e nomeou como seu primeiro ministro um muçulmano. Todo o parlamento libanês é mesclado entre as religiões.

BEIRUTE, A SUÍÇA DO ORIENTE MÉDIO

Três da madrugada chegamos a Beirute. Sorte com as malas que, não raramente, são reviradas ou mesmo extraviadas. Com as nossas, tudo em ordem.

A primeira e gratificante surpresa é a beleza de Beirute, não à toa chamada de Suíça do Oriente Médio. Moderna, orla marítima iluminada e segura,

muita cor, muito brilho, muita música.

Vi trajes oscilando entre ba-by-look, tênis e saia curta e os comportados e não menos lindos lenços árabes. Tudo junto e misturado, em uma perfeita harmonia, a mesma que já há algum tempo não se observa em terras tupiniquins.

Beirute foi a parte final do meu passeio. Locamos uma Van e fomos para a Gruta de Jeita, acesso por teleférico, por barco e trecho final a pé. Simplesmente a maior gruta que já conheci. Quilômetros sob a terra, com desenhos e capelas esculpidos em estalactites lapidados há milênios. Lamentavelmente é proibido fotografar, até mesmo de celular.

Ainda de teleférico, no alto de uma das montanhas de Beirute, visitamos a santa católica Harissa, também conhecida como Nossa Senhora do Líbano. O santuário acolhe cristãos e muçulmanos. A estátua, no cume da rocha, se projeta sobre Beirute e pode ser comparada ao Cristo Redentor no Rio de Janeiro.

Visitamos ainda a mesquita Muhammad Ali Amin, uma das maiores e mais belas do Líbano, destruída pela guerra com Israel e reconstruída pelo falecido presidente Hafik Hariri. A Mesquita encontra-se exatamente lado a lado com uma também bela igreja católica. Nas proximidades de ambas foi construído um centro comercial de luxo denominado Downtown, onde os melhores estilistas do mundo expõem e comercializam sua produção.

Por fim, conhecemos Trípoli, na grande Beirute, centro turístico e de compras. Em sua orla marítima, Zaitunay Bay, se pode curtir a melhor Happy Hour do Mediterrâneo.



Fátima Safadi Carvalho

Pedagoga. Esta matéria completa o relato de Fátima sobre sua viagem ao Líbano, que teve sua primeira parte publicada na edição 33 da Xopuri, de julho de 2017.

ANITA GARIBALDI, "HEROÍNA DOS DOIS MUNDOS"

Iêda Vilas-Bôas

Há um dito popular que afirma ser agosto o mês do desgosto. Eu digo ser o mês do meu gosto, pois valorosas pessoas nasceram neste mês, entre elas, a valente Ana Maria de Jesus Ribeiro, mais conhecida como Anita Garibaldi.

Mulher e companheira do revolucionário Giuseppe Garibaldi, nasceu em Laguna, hoje Tubarão, em Santa Catarina, em 30 de agosto de 1821 e morreu em Ravena, Itália, em 04 de agosto de 1849.

Descendente de portugueses imigrados dos Açores com paragem na província de Santa Catarina, ainda no século XVIII, era a terceira filha, de um total de 10 filhos, de uma família modesta, sendo o pai Bento comerciante e a mãe Maria Antônia de Jesus do Lar.

Corajosos e avançados para o tempo, seus pais davam às 6 meninas quase que igual tratamento dado aos 4 meninos. As atividades domésticas eram repartidas igualmente entre todos. Entretanto, a morte ceifou cedo o patriarca, e Anita, prematuramente, teve que ajudar no sustento familiar.

Assim, sua mãe, pensando no futuro da bela Anita, insistiu com um casamento aos 14 anos, também realizado em agosto, com Manuel Duarte de Aguiar. Depois de três anos de matrimônio, o marido alistou-se no exército imperial deixando-a abandonada à sorte e só.

Um dia, aparece em Laguna Giuseppe Garibaldi, o seu príncipe. Lindo, corajoso, valente, audacioso, conquistador, Garibaldi rouba de Anita o coração. Ela tinha 18 e ele 32 anos. Eles se apaixonaram e ela decidiu acompanhar seu amor

e lutar pela independência gaúcha e de outros territórios.

Giuseppe e Anita ficaram juntos pelo resto da vida de Anita, que o seguiu em seus combates em Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Uruguai (Montevideu) e Itália. Estava traçada sua sina: viveria e morreria lutando pela independência, contra o imperialismo e contra todas as espécies de injustiças sociais de seu tempo – não muito diferentes das de agora.

Anita seguiu ao lado de seu amor e líder revolucionário, e com ele lutou na Revolução Farroupilha, aqui no Brasil e contra a invasão do exército austro-húngaro, na Itália. Vem daí o nobre adjetivo de Heroína de Dois Mundos, dois continentes: o Europeu e o Americano.

Mesmo durante as cinco vezes em que esteve grávida, jamais deixou seu companheiro "pelear" sozinho. Esteve sempre do seu lado, nas vitórias e nas derrotas. O próprio Garibaldi relata em suas memórias o encontro com Anita, para toda a vida:

"Entramos, e a primeira pessoa que se aproximou era aquela cujo aspecto me tinha feito desembarcar. Era Anita! A mãe de meus filhos! A companhia de minha vida, na boa e na má fortuna. A mulher cuja coragem desejei tantas vezes. A saudei e lhe disse: 'Tu deves ser minha! Havia atado um nó, decretado uma sentença que somente a morte poderia desfazer.'"

Assim, embarcam Anita e Garibaldi, em outubro de 1839, para uma expedição militar. A prova de fogo veio rápida, a Marinha Imperial do Brasil ataca o navio de

Giuseppe e Anita confirma sua coragem, arriscando a vida nesta, na famosa batalha naval de Laguna e ainda em inúmeras que ela e Garibaldi haveriam de enfrentar.

Aprisionada em 1840, na Batalha de Curitiba, para fugir da prisão, convenceu o comandante do exército imperial que precisava reconhecer o corpo de seu esposo, morto em campo de batalha. Aproveitando-se de um instante de distração dos guardas, fugiu em seu cavalo, enfrentou a travessia do Rio Canoas e, em oito dias, encontrou-se com Garibaldi no Rio Grande do Sul.

Ao chegar, causou enorme espanto, pois sua morte havia sido largamente anunciada pelos rincões gaúchos. O que se propalou, então, na credence popular, foi que ela tinha ressuscitado, o que ampliou em muito a mística que já existia em torno do nome de Anita.

Logo após o nascimento de seu primeiro filho, Menotti, o exército imperial cercou a casa em que a família estava. Anita, com somente doze dias após o parto, toma nos braços o pequenino e, por quatro dias, se esconde em um bosque nos arredores da cidade, até ser resgatada por Giuseppe.

Em 1841 a situação militar da República Rio-Grandense tornou-se insustentável. Faltavam alimentos, contingente e motivação. O General Bento Gonçalves concede a Garibaldi permissão para deixar as fileiras do exército republicano. Anita, Giuseppe e Menotti mudam-se para o Uruguai.

Em Montevideu, dois anos e meio após seu encontro fulminante de amor, os dois se casam na igre-

ja de São Francisco de Assis, em 1842. Foi uma decisão política. O casamento era uma exigência para ocupar cargo público e Giuseppe havia sido indicado para o comando da pequena frota uruguaia.

No Uruguai, tiveram mais três filhos: Rosa (falecida aos dois anos de idade), Teresa e Ricciotti. Em 1846, Garibaldi tenta enviar Anita e as crianças para perto de sua mãe, na Itália. Seu pedido foi recusado. Dois anos depois, Anita e seus filhos partem em um barco com destino a Nice. Alguns meses depois, Garibaldi se junta à família.

O desejo de construir um mundo livre das injustiças sociais impelia o casal a continuar nas batalhas. Em 1849, os dois presenciaram a proclamação da República Romana, porém a alegria foi de curta duração. O exército franco-austriaco invadiu e dominou Roma e, uma vez mais, o casal deixou a cidade perseguido por três exércitos (francês, espanhol e napolitano), com quarenta mil soldados. Seguiram rumo Norte com um contingente de 3.900 soldados e deram de frente com quinze mil soldados austríacos.

Grávida do 5º filho, com Giuseppe, Anita entrou na guerra para salvar o território italiano. Fraca e ferida, teve que refugiar-se em San Marino. Seu estado de saúde piora e ela, quase inerte, propõe-se a retornar sozinha para perto de seus filhos. Giuseppe não aceita e a acompanha a uma fazenda próxima a Ravena, onde ela falece. Inconsolável, Garibaldi sequer pode ir ao seu sepultamento. Saiu em exílio e por dez anos esteve fora.

Anita Garibaldi é considerada, no Brasil e na Itália, como exemplo de dedicação e coragem. Seu nome passou a designar cidades, bairros, ruas e avenidas. Em 2012, através de lei, seu nome foi inscrito no Livro dos Heróis da Pátria, depositado no Panteão da Liberdade e da Democracia, em Brasília.



Iêda Vilas-Boas
Escritora



NOMES ORIGINAIS E BONITOS DAS CIDADES GOIANAS

Chico Montenegro

Muitas cidades goianas tinham nomes originais e bonitos, antes dos nomes atuais. Vejamos:

Alto Paraíso de Goiás – Veadeiros
 Anápolis – Sant’Ana das Antas
 Bela Vista de Goiás – Sussuapara
 Cachoeira de Goiás – Fumaça/Moitu
 Doverlândia – Cachorro Sentado
 Formosa – Arraial dos Couros
 Goiás (Velho) – Santana de Goiás
 Morrinhos – Nossa Senhora do Carmo dos Morrinhos
 Nova Glória – Pito Aceso
 Piracanjuba – Pouso Alto
 Pirenópolis – Minas de Nossa Senhora do Rosário Meia Ponte
 Rialma – Barranca
 Rubiataba – Rabia-Bode
 Santa Rita do Novo Destino – Paletó Rasgado
 Santo Antônio de Goiás – Santo Antônio/Quiabo Assado
 São Miguel do Araguaia (povoado) – Troca-Tapa

Chico Montenegro
 Advogado



SINDICATOS E DESIGUALDADE SOCIAL

Mariel Angeli Lopes

Com a reforma trabalhista aprovada pelo Senado e sancionada por Temer, as estruturas e as relações de trabalho no Brasil provavelmente serão alteradas radicalmente.

Um dos principais objetivos da reforma foi a desmobilização dos sindicatos e o fim da estrutura sindical como a conhecemos hoje, através da aprovação do fim da contribuição sindical obrigatória ao mesmo tempo em que aumenta a importância da negociação coletiva nas relações trabalhistas.

As experiências internacionais indicam que o maior peso da negociação coletiva deve ser acompanhado pelo fortalecimento das entidades que representam os trabalhadores, caso contrário ocorre uma precarização dos contratos de trabalho marcada por maior rotatividade, menores salários e mais contratos temporários.

Em qualquer país em que os trabalhadores contam com poucos mecanismos de proteção e garantia de relações de trabalho minimamente satisfatórias o que se vê é a estagnação da renda proveniente do trabalho. Nos países desenvolvidos este fenômeno se tornou mais acentuado desde o início da década de 1980, sendo acompanhado pela desregulação cada vez maior dos sistemas de proteção social.

Nos últimos anos, muitos acadêmicos têm se debruçado sobre a relação entre a estagnação da renda dos trabalhadores e o aumento da concentração de renda nas camadas mais ricas da sociedade. As explicações mais óbvias para este fenômeno são o progresso tecnológico e a globalização. Porém só estes dois fatores não têm se mostrado suficientes para explicar a crescente desigualdade de renda em sociedades consideradas avançadas.

Um dos pontos que começou a ser ressaltado, recentemente, é que existe uma relação entre as configurações do mercado de trabalho de um país e a desigualdade de renda.

A análise mais detalhada das configurações de mercado de trabalho indica que a diminuição da importância dos sindicatos (através da queda do percentual de trabalhadores sindicalizados nos países desenvolvidos) está diretamente relacionada à concentração de renda nas camadas mais ricas, e que trabalhadores de baixa e média renda são especialmente afetados.

Ou seja, onde sindicatos são mais fortes os trabalhadores são mais bem remunerados e a desigualdade de renda é menor, uma vez que além da importância para as negociações coletivas *per se*, os sindicatos fortes são relevantes para o desenho de políticas públicas de distribuição de renda.

A partir destes resultados é possível perceber que o enfraquecimento das entidades sindicais que a reforma trabalhista quer provocar deve ser combativo com firmeza, não só para proteger os trabalhadores, mas também para garantir que viveremos em uma sociedade menos desigual.



Mariel Angeli Lopes
 Economista do DIEESE e assessora da FITRATELP



A CAÇA DOS PANARÁ: UMA ATIVIDADE MÚLTIPLA

Fabiano Bechelany

Fotos: Acervo Fabiano Bechelany



Em várias áreas do Brasil atual a caça de animais é largamente praticada. Seja para subsistência, por esporte ou proteção de áreas cultivadas, sua realização possui elementos de ordem sociocultural variados. Há hoje no país um debate em torno da regulamentação da atividade, uma discussão que cruza os impactos ambientais da caça (extinção da fauna), a proteção de áreas agrícolas e o discurso de proteção aos animais, entre outros elementos.

Já a caça dos povos indígenas é legalmente amparada pela Constituição Federal, que garante a prática de seus costumes e tradições. A ideia, então, de subsistência/sobrevivência alimenta essas e outras formulações legais e de senso mais geral sobre a caça. Mas que subsistência é essa e qual o lugar da caça na vida dos povos que a praticam?

Um olhar etnográfico sobre a caça dos Panará nos permite refletir sobre o assunto. Longe de ser uma atividade primitiva, resquício de algo que a humanidade foi um dia, atestado de atraso ou fragilidade de uma cultura, a caça ali (e entre tantos outros grupos) deve ser observada pela conjunção de fatores que ela reúne. Ela enfeixa um conjunto de relações internas à sociedade (as relações entre parentes, entre gêneros, entre gerações) e externas, nos engajamentos com os animais e o ambiente da floresta.

OS "ÍNDIOS GIGANTES"

Panará é o nome pelo qual um grupo de cerca de 550 pessoas aparentadas entre si se autodenomina. O grupo vive hoje em cinco aldeias na Terra Indígena Panará, uma área de 500.000 ha que se estende pelo norte do Mato Grosso e sul do Pará e compõe o corredor de sociobiodiversidade do Xingu.

No começo dos anos 1970, os Pa-

ará foram atingidos pela abertura da rodovia BR-163 (Cuiabá-Santarém). Então, o projeto do governo militar para a Amazônia baseava-se em grandes obras de infraestrutura (rodovias, mineração, energia) e a integração da região norte ao sul. A colonização da região implicou a abertura de grandes áreas, o que acarretou o contato e a remoção de vários povos indígenas que ali viviam.

Os Panará viviam então na região do rio Peixoto de Azevedo, na bacia do rio Tapajós. Seu território era a franja meridional da floresta amazônica. No começo de 1970, as frentes de atração da Funai alcançaram o grupo, antecipando em metros as obras da estrada.

Os Panará buscavam evitar o contato, mas já estavam debilitados pelas fugas, assolados por epidemias e vivendo com medo e assombro.

Em 1973 cederam ao encontro e dois anos depois o grupo, que contava com mais de 400 pessoas, estava reduzido a 79, vivendo às margens da rodovia. A Funai decidiu levar os "índios gigantes", como eram conhecidos, para dentro do Parque Indígena do Xingu (PIX). Ali viveram por 20 anos em situação de exílio e, na década de 1990, conseguiram retornar para parte do seu antigo território. Protagonizaram ainda uma vitória em ação indenizatória contra o Estado brasileiro, que reconheceu a responsabilidade por danos físicos e morais na construção da Cuiabá-Santarém.

SUASÊRI - A CAÇA PANARÁ

A língua panará não possui uma palavra equivalente ao nosso termo caça. Utilizam a palavra suasêri, que indica mais a ideia de caminhar em uma linha/trilha. Andar é, precisamente, o principal sentido que a caça enfeixa para o grupo: um des-



locamento pela mata em busca do animal. Outros termos usados para designar a atividade é "vou na mata escutar", ou "buscar bicho".

Os Panará realizam expedições de caça coletivas em momentos rituais. A caça é uma atividade rotineira, eminentemente masculina, que os homens realizam sozinhos ou em grupos pequenos. As matas da região são pródigas em caça, mas por vezes procuram áreas distantes, viajando de barco, para encontrar animais que os caçadores dizem ser "mansos", não acostumados com gente.

Na Amazônia indígena, é comum que os povos caçadores adotem o cachorro como ajudante em caçadas. Não é o caso dos Panará, que tampouco possuem armadilhas. A caça, quase sempre realizada diuturnamente, ocorre em movimento pela mata, surpreendendo os animais em seu ambiente.

A arma usada pelos Panará hoje é a espingarda, que tem vantagens, mas também seu ônus, o mais óbvio deles é a necessidade de aquisição da munição na cidade. Sua eficácia é reconhecida, mas os caçadores dizem que o sucesso da caça depende de outros fatores. Para tanto, empregam uma série de cuidados corporais, resguardos e cuidados alimentares para entrarem na mata. O caçador evita relações sexuais no dia anterior, já que o cheiro do sexo poderia ser sentido pelas presas.

Eles fazem longas caminhadas pela floresta próxima às aldeias, por

trilhas e lugares familiares.

Barreiros de sal no meio da mata são um desses locais, onde, segundo os Panará, os animais fazem suas aldeias. As caminhadas são hábeis, deslocando-se com calma, mas velocidade, evitando fazer barulho ao mesmo tempo que se está atento aos sons da mata e a qualquer manifestação de movimento no horizonte da floresta. O olfato é essencial, tanto quanto a audição. A visão, mesmo aguçada, nem sempre é eficaz em um ambiente de múltiplas camadas de luz e vegetação cerrada.

Homens experientes, chefes de família, costumam sair à mata sozinhos e retornam com frequência carregando animais. Os jovens caçam com seus parceiros, amigos ou cunhados. A carne abatida e trazida à aldeia é partilhada com os vizinhos, que são da mesma unidade residencial. Como entre muitos povos do Brasil Central, ao se casar, um homem vai morar na casa da família de sua esposa, passando a viver com seus sogros e cunhados. O produto de sua caça constitui um alimento sob os cuidados dessa família.

As mulheres cumprem papel fundamental na transformação da caça em alimento e sua distribuição. A caça é um dos elos que vincula os parentes. Antes mesmo de preparar o alimento, a esposa do caçador distribui a carne entre seus congêneres, afirmando sua generosidade e o cuidado que envolve esse tipo de relação. O ritual panará encena essa

relação de partilha e generosidade em larga escala, quando uma das quatro metades da aldeia distribui o alimento às outras três.

A cozinha panará é rica em sabores e receitas. São excelentes agricultores, cultivando grande variedade de batatas doces, amendoins, milho, bananas, além da versátil mandioca. O principal instrumento de preparação da carne de caça é o forno de terra (ou de chão), manuseado pelas mulheres. Ai elas aquecem pedras, com as quais cobrem a carne de caça e as tortas de mandioca enroladas em folhas de banana brava (o kiampó), abafando com terra até que fiquem cozidos. Hoje, o cozimento em água e a fritura em óleo também ocorrem.

Com suas múltiplas dimensões, a caça panará está longe de se resumir à mera aquisição alimentar. Ela está no cerne dos conhecimentos da floresta e relações ecológicas. É caçando que desenvolvem um saber sobre os animais, as plantas e a paisagem florestal. É pela caça que interagem com os espíritos dos animais, uma dimensão sempre presente na atividade e sobre a qual pesa um complexo xamânico importante, de comunicação com os espíritos dos mortos.

O conhecimento vasto da caça circula pelo coletivo por meio de narrativas contadas no centro da aldeia, ou dentro de casa. Uma caçada se completa quando é narrada, no retorno do caçador.

Atividade central na vida social, a caça é, por isso mesmo, afetada pelas dinâmicas históricas vividas pelos Panará. As transformações que ocorrem na dieta, com o consumo maior de alimentos provenientes da cidade, as mudanças no aprendizado com a introdução da educação escolar, além das novas formas de deslocamento e experiência do espaço, são elementos que ora se articulam, ora se confrontam com a caça. Longe de ser uma atividade estanque, a prática também se dinamiza, absorvendo elementos, inovando-se e se readequando.



Fabiano Bechelany
Antropólogo.

BIA DE LIMA, PRESIDENTA DO SINTEGO: CADA CONQUISTA DO SINTEGO É UMA CONQUISTA DA EDUCAÇÃO



Não é de hoje que Bia de Lima, cidadã goiana, nascida em Jataí, filha de agricultores, educadora, formada na Universidade Federal de Goiás (UFG), milita em defesa de causas sociais e da Educação. Com seus olhos negros, vozeirão de radialista, e uma capacidade ímpar de insistir na esperança, Bia de Lima vem de duas grandes conquistas nos últimos meses. Em maio, coordenou uma greve contra o governo de Goiás que, pela primeira vez em 16 anos, conquistou ganhos concretos para a Educação. Em junho, depois de uma disputa acirrada, foi reeleita presidenta do Sintego, com 70% dos votos válidos. Passado o justo descanso das férias de julho, a Xapuri entrevistou Bia de Lima, essa guerreira da Educação, para conhecer um pouco mais de sua trajetória e de seus sonhos para os tempos futuros.

X De onde surge a bem-sucedida militante e sindicalista Bia de Lima?

Bia – Sou fruto das lutas dos movimentos sociais em defesa dos trabalhadores e da Educação. Comecei, junto com um grupo de jovens, enfrentando o governo goiano em sua tentativa de fechar o Campus da UFG em Jataí, onde estudávamos. O Campus não foi extinto.

X Militou sempre na área da Educação?

Bia – Sim, mas também tenho em minha história o orgulho de ter sido vereadora em Jataí por dois mandatos representando o Partido dos Trabalhadores. Em 1985, saí de Jataí e vim pra Goiânia aprofundar meus estudos.

X Daí pra frente, ficou em Goiânia?

Bia – Não. Em 1991, voltei pra Jataí, cheia de ideias inovadoras e sonhos revolucionários. Em 1992, ajudei a refundar o PT no município, junto com um grupo de mulheres recém-saídas da Universidade, dentre elas Soraiá Rodrigues Charves, nossa candidata a prefeita que, contra toda a máquina e compra de votos do coronelismo – levaram até o time do Flamengo para fazer campanha contra nós, acabou ficando em terceiro lugar.

X E a militância no Sintego, como começou?

Bia – Em Jataí. Depois da campanha, pensei muito em como combinar minha paixão pela Educação com minha vontade de mudar o

mundo. O Sintego foi o caminho que encontrei. Comecei na base, depois fui vice-presidenta da regional do Sintego em Jataí. Em 2005, quando voltei pra Goiânia, já vim como dirigente do Sintego. Fui tesoureira três vezes, cheguei à Presidência e agora em junho, no dia 3, fui reeleita com 70% dos votos válidos da minha Categoria.

X Como se sente a presidenta reeleita do Sintego?

Bia – Me sinto muito agradecida à minha Categoria e muito orgulhosa com os resultados do nosso trabalho coletivo em defesa dos profissionais da Educação em Goiás. Me sinto extremamente responsável pelos 11.233 dos 16 mil votos válidos, e me sinto também responsável por todos os 40 mil filiados do Sintego, espalha-

dos por mais de 60 municípios do nosso estado.

X A que atribui uma vitória tão clara e tão retumbante?

Bia – Ao trabalho bem feito de toda a equipe do Sintego, em todas as 36 regionais, localizadas em todas as regiões do nosso Estado. Nosso sistema de gestão descentralizado e democrático permite ao Sintego um atendimento rápido e eficiente a cada qual de seus filiados e filiadas, onde quer que estejam. Também contribuiu nossa capacidade de enfrentamento e negociação com o governo do Estado, e nossa presença nas lutas coletivas contra as reformas do governo golpista de Michel Temer, que ameaçam os direitos dos trabalhadores em Goiás e em todo o território brasileiro.

X Em Goiás, como caminham as coisas?

Bia – Aqui em Goiás, depois de um árduo e longo processo de negociação, em maio a Rede Estadual de Educação encerrou uma greve de 41 dias com grandes conquistas para a nossa Categoria. A greve trouxe vitórias pelas quais nossa Categoria lutava há 16 anos, como os 21% para os administrativos, que há três anos estavam sem nada; os 34% de reajuste para os contratos temporários; a progressão para 444 Professores do Quadro Permanente do Magistério; o Concurso Público para 900 professores PIII e 100 administradores; a Gratificação por Dedicção em Período Integral (GDPI) para coordenadores, professores e diretores de escolas em período integral; 20% de aumento de recursos para a merenda escolar; 58% de aumento para o Pró-Escola (programa de custeios de reformas e reparos emergenciais das unidades de ensino; e, Auxílio-Alimentação de R\$ 500,00 para todos os profissionais da ativa, uma conquista adicional, porque esta demanda não estava previsto na pauta de negociação.



X Quais são, então, os grandes desafios do Sintego para os tempos vindouros?

Bia – Nossa luta segue organizada em três frentes: 1) Internamente, nossa principal tarefa agora é fortalecer a democracia interna, aprimorar nosso modelo descentralizado de gestão e melhorar, cada vez mais, o atendimento aos nossos filiados e filiadas; 2) Em Goiás, nós vamos continuar lutando contra a privatização da Educação por meio da contratação das Organizações Sociais (OS). Essa é uma luta que vem desde 2014, com várias derrotas jurídicas do governo goiano, que insiste em implantar um projeto privatizador, ineficiente e contra os interesses da Educação; e, 3) Com relação à conjuntura nacional, o Sintego continuará organizando caravanas para Brasília, organizando manifestações e protestos por todo o estado de Goiás,

continuará lutando contra as reformas golpistas do golpista Michel Temer, que a cada dia retira mais direitos, em acintosa afronta aos trabalhadores.

X Uma palavra final?

Bia – O Sintego só é forte porque conta com uma categoria forte em sua base. O êxito da Categoria é o êxito do Sintego e vice-versa. Da mesma forma, o êxito do Sintego é o êxito da Educação em Goiás e no Brasil. Sigamos firmes, fortes, e em luta!



A LENDA DAS FERAS DO BOCÃO: DOIS MITOS KALUNGA

Bia Kalunga

Contam os mais velhos da comunidade Kalunga que, no rio Paranã, em um lugar espaçoso com muita água, peixes e outros animais, chamado Bocão, existiam duas feras, uma chamada Minhocão e a outra, Rodetão.

Minhocão era uma cobra sicuri que cresceu e virou uma grande fera. Já o Rodetão foi gerado de uma arraia que cresceu tanto, tanto, que virou um bicho grande, redondo e achatado.

Vivendo no fundo do rio, as feras sempre mantinham contato uma com a outra. Como Minhocão tinha mais facilidade para se movimentar, sempre se deslocava do seu cantinho para visitar o Rodetão, que não se movia do seu lugar

por ser muito pesada e grande.

Na beira do Bocão havia uma estrada por onde os moradores circulavam na comunidade. Certo dia, um homem chamado João por lá passava e, de repente, avistou no meio do rio dois bichos estranhos boiados, pegando sol.

Embora assustado e com muito medo, João se aproximou para ver o que era. O que viu foram dois bichos estranhos e assustadores. João então saiu correndo e foi chamar o vizinho, que estava na roça próxima daquele local.

Chegando ao Bocão, os vizinhos não mais encontraram as feras que, depois se soube, sempre somem na água quando aparece gente. Mesmo assim, a notícia se

espalhou, e a comunidade ficou muito preocupada com mais essa assombração que vinha se juntar às outras, frequentes em aparições na estrada do Bocão tanto de dia quanto de noite, por ser um lugar com muitas árvores, fechado, sombrio.

Assim, desde então, aquela quebrada do Paranã passou a causar muito susto no povo Kalunga. Quando os moradores do Riachão iam pescar, ficavam sempre em silêncio para não incomodar o Minhocão e o Rodetão.

Com o passar do tempo, a água do rio Paranã foi diminuindo e hoje as feras não aparecem mais, mas sua história continua a povoar o imaginário do povo Kalunga.



Bia Kalunga - Lourdes Fernandes de Souza - Educadora, escritora, e líder comunitária da Comunidade Kalunga Riachão, Goiás.

ANTIDEPRESSIVOS SEM TERAPIA NÃO SURTEM EFEITO, DIZ PESQUISA

Estudos recentes demonstram que, embora os antidepressivos possam restaurar a capacidade de determinadas áreas do cérebro para contornar rotas neurais cujo funcionamento não está normal, para que o tratamento traga benefícios, é necessária uma mudança do paciente, que pode ser conseguida por meio da psicoterapia.

Para o neurocientista Eero Castrén, da Universidade de Helsinque, Finlândia, uma mudança no "hardware" do cérebro só trará benefícios se houver uma mudança no "software" - o comportamento do paciente - algo que não é suprido pelos antidepressivos, só podendo ser alcançada mediante a psicoterapia ou terapias de reabilitação.

Segundo Castrén, os antidepressivos reabrem uma janela da plasticidade cerebral, que permite a formação e a adaptação de conexões cerebrais através de atividades específicas e observações do próprio paciente, de forma semelhante a uma criança cujo cérebro se desenvolve em resposta a estímulos ambientais. Quando a plasticidade cerebral é reaberta, problemas causados por "falsas conexões" no cérebro,

como fobias, ansiedade, depressão, podem ser tratados.

Pesquisas em modelos animais demonstram que os antidepressivos não são uma cura por si só. Em vez disso, seu papel é o de restaurar a plasticidade no cérebro adulto. A equipe do Dr. Castrén mostrou que os antidepressivos sozinhos não surtem efeitos para esses problemas. Quando antidepressivos e psicoterapia são combinados, por outro lado, obtêm-se resultados de longa duração.

"Simplesmente tomar antidepressivos não é o bastante. Nós precisamos também mostrar ao cérebro quais são as conexões desejadas", diz o pesquisador. A necessidade de terapia e tratamento medicamentoso também pode explicar porque os antidepressivos às vezes não têm efeito. Se o ambiente e a situação do paciente permanecerem inalterados, a droga não tem capacidade para induzir mudanças no cérebro, e o paciente não se sente melhor.

Fonte: Fãs da Psicanálise

BAILAM AS BALEIAS-JUBARTE NA COSTA DA BAHIA

— Maria Helena Schuster

Fantásticas, vibrantes, esplendorosas! É nessa época do ano, de junho a novembro, que as cintilantes Baleias-jubarte enchem os olhos de quem passa por Caravelas, Porto Seguro, Itacaré e Morro de São Paulo, no sul do Estado, ou pela Praia do Forte e Arembepe, no Litoral Norte, com seus espetaculares saltos acrobáticos nas águas quentes da Costa da Bahia.

Incrivelmente sedutoras, as enormes Baleias-jubarte, ou *Megaptera novaeangliae*, que significa “grandes asas” e “Nova Inglaterra”, local onde a espécie foi descrita pela primeira vez, colocam pra fora da água seus corpos de 16 metros de comprimento e, não obstante o seu peso de 40 toneladas, bailam trepidantes sobre as ondas do mar da Bahia.

Embora existam Baleias-jubarte em todos os mares do mundo, as que chegam ao Brasil vêm das ilhas de Sandwich e Geórgia do Sul, próxima à Antártida. Até novembro, dizem os cientistas do Instituto Baleia Jubarte (<http://www.baleiajubarte.org.br/home.php>), cerca de 15 a 17 mil Baleias-jubarte farão por aqui suas danças de acasalamento, terão seus filhotes e amamentarão suas crias de quatro metros e 1,5 toneladas, especialmente em Abrolhos, seu maior berço reprodutivo.

Em “casa”, nas regiões polares, a grande Baleia-jubarte, que passa por gestações de 11 meses e vive até 60 anos, se alimenta de krill, uma espécie de camarão minúsculo. Enquanto os machos cantam para atrair as fêmeas e as famílias “brincam” em águas baianas, a Baleia-jubarte se abstém de alimentos.



Maria Helena Schuster
Psicóloga



LÁ E CÁ, EIS A GESTÃO!

Se o planeta é uma esfera de superfície disforme solta no universo ainda pouco conhecido, está no jeito de tratar politicamente seus distintos relevos o caminho mais curto para harmonizar

as diferenças entre os povos que o habitam. O princípio vale como desafio permanente da humanidade desde a deriva continental que nos empurrou para ambientes cada vez mais distantes, mas que com

o tempo (ah, o tempo!) nos exigiu a proximidade por razões óbvias, afinal está no decisivo gesto humano local a possibilidade da transformação da realidade global, eis o sentido da gestão!

Antenor Pinheiro



Rua João de Abreu, Goiânia, Goiás



Rua de Bogotá, Colômbia



Avenida Coronel Gaspar, Uruaçu, Goiás



Avenida de Copenhague, Dinamarca

Avenida Coronel Gaspar, Uruaçu, Goiás; Avenida de Copenhague, Dinamarca; Rua João de Abreu, Goiânia, Goiás; Rua de Bogotá, Colômbia.

Os espaços geográficos onde vivem pessoas são distintos porque formados conforme usos e costumes praticados cotidianamente. Sua configuração, estética e di-

nâmica são produtos da natureza decifrada do senso comum e do conhecimento científico ajuntados por pessoas.

Logo, se experimentamos seus traçados e perfis urbanos construídos em dimensões e escalas semelhantes, mas tratados politicamente com desprezo às pessoas, à coletividade, está no decisivo

gesto humano precário a explicação do fracasso colhido.

Inexiste diferença nas bitolas dos espaços de mobilidade dos centros e periferias de Uruaçu e Copenhague, de Goiânia e Bogotá. Lá e cá, o que temos de diferente é a ideologia que permeia nossa visão de mundo, sempre uma escolha política, eis a gestão!



Antenor Pinheiro
Jornalista, membro da
Associação Nacional de
Transportes Públicos/ANTP

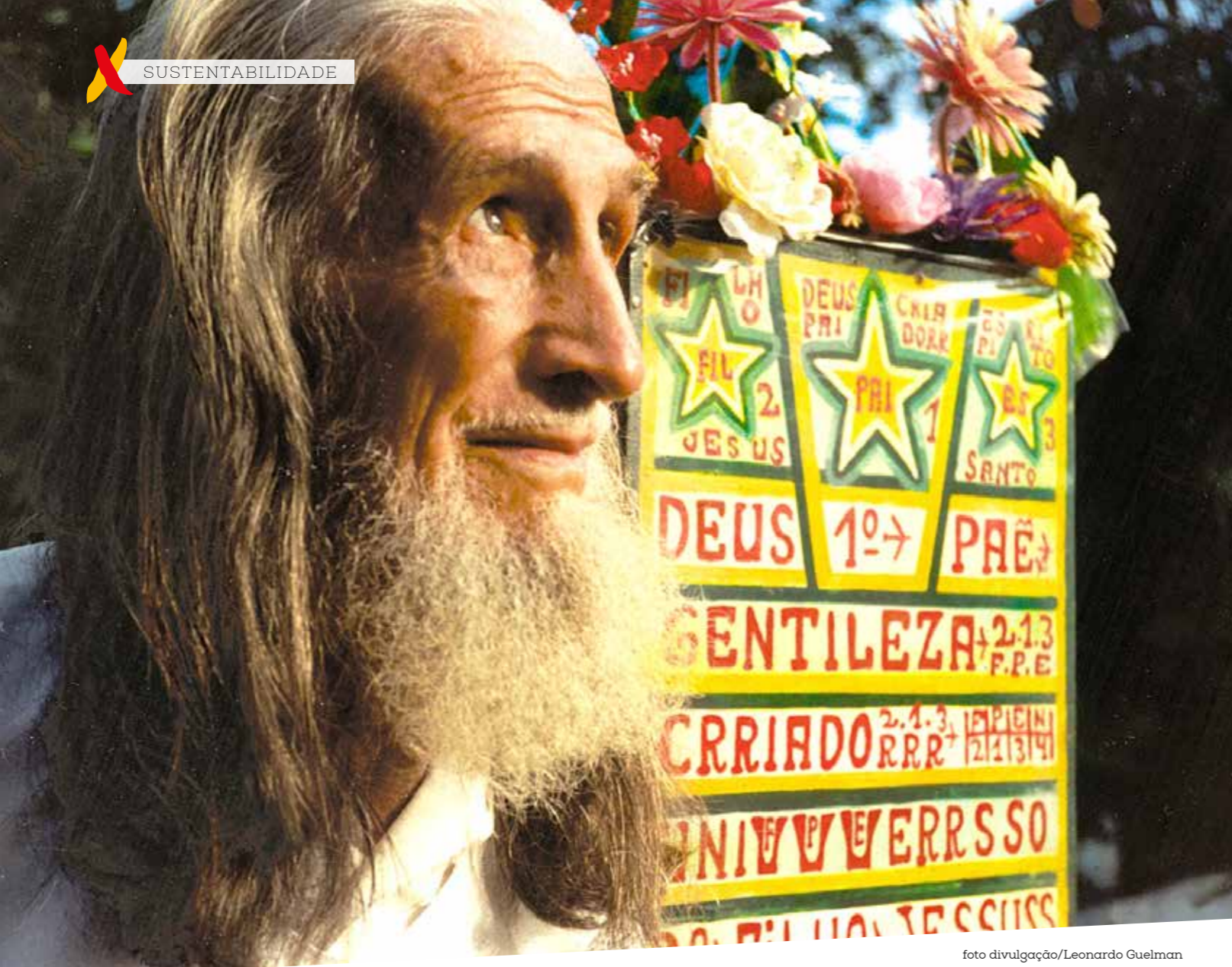


foto divulgação/Leonardo Guelman

JOSÉ DATRINO: O PROFETA DO PRINCÍPIO GENTILEZA

Leonardo Boff

Cada época tem seus profetas que denunciam, anunciam, consolam e mantêm viva a chama da esperança. [Nossa época se caracteriza] pelo estigma da falta de cuidado e pela perda da gentileza nas relações interpessoais e sociais. Este estigma afeta principalmente os grandes conglomerados urbanos, como a cidade do Rio

de Janeiro. É uma cidade onde a gentileza da paisagem se mostra com generosidade na composição ecológica do mar, da montanha e da floresta, e com uma população cheia de humor e leveza.

Mas lentamente viu brutalizadas as relações sociais pela violência contra meninos e meninas de rua, pelos assaltos frequentes e

pelo nervosismo do tráfego.

Nesse contexto, surgiu um homem, José Datrino (1917-1996), que começou a pregar a gentileza como alternativa para a cidade e para a humanidade. Seu impacto nas camadas populares foi grande, a ponto de ser chamado "Profeta Gentileza".

(...) Tinha uma pequena empre-

sa de transporte de carga na zona norte do Rio, em Guadalupe. Viviam normalmente como qualquer trabalhador das classes populares. Até que no dia 17 de dezembro de 1961 ocorreu um grande incêndio no circo norte-americano, no outro lado da Baía da Guanabara, em Niterói. Tal tragédia abalou José Datrino.

(...) Às vésperas de Natal, tomou seu caminhão, comprou duas pipas de vinho de cem litros, foi a Niterói e lá, junto às barcas, começou a distribuir em copos de papel vinho para todos, anunciando: "quem quiser tomar banho não precisa pagar nada, é só pedir por gentileza... é só dizer agradecido".

Depois instalou-se por quatro anos no local do incêndio. Cercou-o e transformou-o em um jardim cheio de flores. Colocou dois portões, um de entrada e outro de saída, com as inscrições: "Bem-vindo ao Paraíso do Gentileza. Entre, não fume, não diga palavras obscenas, porque tornou-se agora um campo santo".

Consolava a todos que chegavam desesperados dizendo: "seu papai, sua mamãe, sua filha, seu filho não morreu, morreu o corpo, o espírito não. Deus chamou. Mas o pior pecador se salvou porque Deus não é vingativo... Eu fui enviado por Deus e vim consolar vocês". Efetivamente os que vinham e ouviam sua mensagem saíam consolados (...)

Tomou a sério sua vocação: confeccionou uma bata branca, tomou um bordão e levou um estandarte cheio de apliques com mensagens ligadas à gentileza. Peregrinou pelo Brasil, especialmente pelo Norte e pelo Nordeste, até se instalar definitivamente no Rio de Janeiro. Circulava pela cidade, pregava pelas praças, colocava-se nas barcas entre Rio e Niterói, vivia continuamente no meio do povo.

A partir de 1980, inaugurou uma nova fase de atividade profética. Inscreveu seus ensinamentos em 55 pilastras do viaduto do Caju, à entrada da cidade do Rio. Denunciava as ameaças que pe-



sam sobre a natureza, produzidas, dizia, pelo "capeta-capital".

Mas a força de sua mensagem se centrava na gentileza. Para expressá-la, usava o código que conhecia, a simbologia trinitária católica. Tudo era pensado e anunciado em nome do Pai, do Filho, do Espírito Santo. Curiosamente, não só utilizava a terminologia trinitária, mas também a quaternária, a mais rara (...). É um código para significar uma totalidade integrada. Para isso usa [também] o número quatro - Pai, Filho, Espírito Santo e Natureza ou Maria. O quarto elemento é sempre feminino (...).

Mas o princípio norteador de tudo é a Gentileza, como modo de ser. A tempo e contratempo anuncia sem cessar: "Gentileza Gera Gentileza". Recusa-se a dizer "muito obrigado" porque ninguém é obrigado a nada, pois todos devemos ser gentis uns para com os outros e relacionar-nos com amor.

No lugar de muito obrigado, devemos dizer "agradecido"; ao invés de "por favor," devemos dizer "por

gentileza", pois assim, dizia, nos religamos à Gentileza, ou à Graça que é Deus, porquanto Ele criou tudo com gentileza e na graça da gratuidade (...).

Essa gentileza fontal, ele a viveu pessoalmente, não apenas a pregou. Tratava a todos com extrema finura. Quando o chamavam de maluco, respondia: "seja maluco como eu, mas seja maluco beleza, da Natureza, das coisas divinas". Dava-se conta da importância mundial do princípio Gentileza. Durante a Eco-92, no Rio de Janeiro, conclamava os representantes dos povos e os chefes de Estado a viverem a Gentileza e a se aplicarem ao uso da Gentileza.

Alquebrado, quis regressar à cidade onde nasceu, Cafelândia - SP. Mas morreu em Mirandópolis - SP, no dia 28 de maio de 1996, aos 79 anos de idade.

**Leonardo Boff**

Filósofo. Teólogo. Escritor. Excerto do livro Saber Cuidar. 18ª Edição. Editora Vozes. 2012.



JUVENTUDE TRANSVIADA

Luiz Melodia

Lava roupa todo dia, que agonia
 Na quebrada da soleira, que chovia
 Até sonhar de madrugada, uma moça sem mancada
 Uma mulher não deve vacilar
 Eu entendo a juventude transviada
 E o auxílio luxuoso de um pandeiro
 Até sonhar de madrugada, uma moça sem mancada
 Uma mulher não deve vacilar
 Cada cara representa uma mentira
 Nascimento, vida e morte, quem diria
 Até sonhar de madrugada, uma moça sem mancada
 Uma mulher não deve vacilar
 Hoje pode transformar, e o que diria a juventude
 Um dia você vai chorar, vejo claras fantasias...

Luiz Melodia. Cantor e Compositor. Partiu dos espaços deste mundo no dia 4 de agosto de 2017, aos 66 anos, vítima de um câncer. Nossa saudade, nossa homenagem.

BANCÁRIOS VÃO À LUTA EM DEFESA DO EMPREGO E DOS BANCOS PÚBLICOS



A 19ª Conferência Nacional dos Bancários, realizada no final de julho, em São Paulo, aprovou a estratégia e a Campanha Nacional em Defesa do Emprego e dos Direitos e estabelece planos de lutas em defesa do emprego, dos bancos públicos, dos direitos conquistados pela categoria e da democracia.

O Comando Nacional dos Bancários apresentará um termo de compromisso aos bancos para que nenhuma instituição adote unilateralmente qualquer medida da reforma trabalhista do governo Temer que retira direito dos trabalhadores e praticamente acaba com a CLT.

"Aprovamos um plano de lutas e a estratégia da campanha deste ano para defender o emprego e nossos direitos ameaçados, mas isso de nada adiantará se não houver engajamento e mobilização da categoria para pressionar os bancos", avalia **Eduardo Araújo**, presidente do Sindicato dos Bancários de Brasília.

NENHUM DIREITO A MENOS

Os bancários vão defender que os bancos se abstenham de implementar as medidas das reformas trabalhistas, como a terceirização sem limites, a prevalência do negociado sobre o legislado, o contrato de trabalho individual, almoço de 30 minutos, jornada de 12hx36h, parcelamento de férias em três períodos, negociação individual para quem ganha acima de R\$ 11 mil e contrato intermitente de trabalho, entre outras.



Nós fazemos a Xapuri acontecer. Você, com sua assinatura,
faz a Xapuri continuar acontecendo!

**REVISTA
IMPRESSA**

ANUAL

R\$ **110,00**
12 EDIÇÕES

BIANUAL R\$ **199,00**

24 EDIÇÕES
(BÔNUS: REVISTA DIGITAL)

**REVISTA
DIGITAL**

ANUAL

R\$ **55,00**
12 EDIÇÕES

BIANUAL R\$ **99,00**

BÔNUS: REVISTA IMPRESSA
(DO MÊS DA ASSINATURA)

ASSINE JÁ!

WWW.XAPURI.INFO/ASSINE